ANNO XXVIII
NUM. 1.419

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

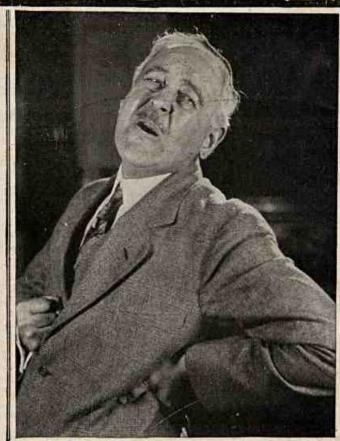
Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1929

A VOZ DA INCONSCIENCIA

"NUNCA, COMO AGORA, A ALLIANÇA ESTEVE TÃO FORTE E PUJANTE".

— Quando se agachava um momento ou fazia qualquer esforço — dôr na cintura!

E era tão intensa, que o mantinha prostrado numa cadeira por dias inteiros.

De um tempo para cá, porém, tem sabido evitar todos esses soffrimentos com a incomparavel

CAFIASPIRINA

Não é só allivio completo que elle obteve, pois, como este remedio contribue tambem para a eliminação do acido urico, o seu mal foi pouco a pouco desapparecendo.

Excellente, tambem, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; cólicas menstruaes; consequencias de noites em claro, excessos alcoolicos, etc.

O *analgesico por excellencia para as pessôas debeis, porque*

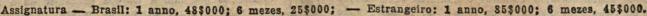
NÃO ATACA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignatura — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que pode ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central, 0518. Escriptorio: Central, 1037. Redacção: 1017. Officinas: Villa, 6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 86 e 87.

UM BENEMERITO DA CIDADE

Era uma vez uma castellã...

Assim devia começar a chronica sobre a vida do grande benemerito da Cidade, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva.

A origem do illustre architecto prende-se a uma pitoresca povoação franceza, no departamento do Marne, bem proximo a Reims. Vivia no logarejo a nobre e rica familia Bethencourt, de descendencia bretã; no mesmo logar habitava Joaquim José da Silva, cuja origem contrastava com a da familia Bethencourt; era elle um simples carpinteiro; por titulos tinha unicamente o amôr ao trabalho e á honradez do nome.

A obscura posição do operario não impediu que uma descendente da nobre familia se tomasse de amores por elle, tecendo um verdadeiro romance; apesar da opposição dos seus maiores, parentes e intimos de casa, D. Saturnina do Carmo de Bethencourt recebeu por esposo o modesto carpinteiro portuguez. Em auxilio dos jovens esposos, para acobertal-os dos constantes remoques de que eram victimas, veiu um irmão da joven senhora; grande proprietario rural no Rio de Janeiro, convidou-os a virem para o Brasil, onde viveriam em santa paz. Algum tempo depois acceitaram o offerecimento, embarcaram a bordo do navio "O Novo Commerciante"; D. Saturnina, que se encontrava gravida de seis mezes, julgou que poderia fazer a travessia sem receios de uma "délivrance" proxima. A viagem do veleiro foi longa, muito mais longa que haviam imaginado. Haviam embarcado nos primeiros dias de Fevereiro; as calmarias forçaram a paradas longas, os dias passavam lentos; em Maio achavam-se nas alturas de Cabo Frio.

Precisamente no dia 8 de Maio (1831), dia da Apparição de S. Miguel Arcangelo, embalada pelas ondas do oceano, D. Saturnina deu ao mundo o primogenito Francisco Joaquim de Bethencourt da Silva. A proposito do nascimento do grande brasileiro, escreveu Moreira de Azevedo:

"Em 8 de Maio de 1831 o navio "O Novo Commerciante" singrava as aguas do oceano, o céo estava limpido e azul, e o mar sereno e calmo, quando, repentinamente, se ouviu um vagido em um dos cubiculos da embarcação: era um menino que nascia; o mar embalou-o como as aguas do Nilo embalarão o berço de Moysés. Seus paes, Joaquim José da Silva e D. Saturnina do Carmo Bethencourt da Silva, ambos portuguezes, abençoarão e, desembarcando no Rio de Janeiro, forão hospedar-se em casa de um parente abastado, que os mandara vir de Portugal".

Foi baptisado na igreja da Gloria, apenas chegados ao Rio de Janeiro. Aos 11 annos, depois de ter frequentado o Seminario de S. José, onde fez os seus estudos primarios, matriculou-se na aula de latim do padre Agostinho. Em 1843, entrou para a Academia de Bellas Artes, onde fez o curso de Architectura, sendo discipulo do grande Grand-Jean de Montigny. Durante o curso obteve sempre o elogio de seus mestres e varios premios. Grand-Jean tinha pelo seu discipulo uma verdadeira veneração, aprendera a apreciar os grandes predicados artisticos do moço architecto.

Moreira de Azevedo, traçando a biographia de Bethencourt da Silva, narra um episodio caracteristico da sua vida:

"Estava, certo dia, na chacara de seu professor de architectura, e, vendo junto de uma janella um loureiro que tinha sido plantado por Grand-Jean, quiz tirar-lhe uma folha.

"Não lhe toque, retorquiu Grand-Jean, detendo-o, essa arvore está virgem, e della só se arrancarão folhas para coroal-o quando o senhor fôr para Roma pelo premio de viagem."

Bethencourt da Silva agradeceu as palavras lisonjeiras de seu mestre; procurou entrar em concurso para a viagem á Europa, porém não foi o escolhido, apesar de alguns julgarem seu trabalho o melhor.

Semelhante episodio revela claramente o grande valor do artista, quando ainda recebia conselhos de seus mestres. Em 1850, havendo concurso para o logar de architecto da Camara Municipal, entrou nelle, conquistando o primeiro logar, sendo nomeado para o cargo que exerceu até 1859. Durante o periodo de architecto da Camara executou obras de notavel valor artistico, como a parte superior da Caixa d'Agua do Barro Vermelho e o chafariz da praça Municipal.

Por encommenda do ministro do Imperio, em 1853, desenhou e dirigiu a construcção de um cenotaphio em memoria da Rainha D. Maria II, de Portugal, cujas exequias se celebravam na Capella Imperial; outros trabalhos do mesmo genero executou o artista merecendo sempre os maiores elogios. Para o concurso realizado, visando o alargamento e embellezamento da rua do "Cano", actualmente 7 de Setembro, enviou projectos, conquistando o primeiro logar.

Em 1856, concebeu o plano grandioso de soerguer a arte brasileira da apathia em que ella se encontrava, encontrando o melhor acolhimento. A 23 de Novembro do mesmo anno, juntamente com noventa e nove pessoas, realizou uma reunião no Museu Nacional, creando a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes. Dois annos depois, creou a Sociedade a sua escola, que é o Lycéo de Artes e Officios, começando o mesmo a funccionar em 22 de Março de 1858. Felix Ferreira, num interessante estudo sobre o Lycéo de Artes e Officios, tem palavras como as que se seguem:

"O Lycéo de Artes e Officias não foi, naquella época, como ainda hoje não é, comprehendido por muitas pessoas, já não diremos ignorantes, mas até mesmo illustradas. Uns julgam ver em tão benemerito estabelecimento um inoffensivo gremio destinado a proporcionar algumas horas de mero passatempo aos curiosos, e outros pensam ser aquella escola um simples arremedo da Academia de Bellas Artes! De tão erroneos juizos é que tiram as inuteis causas para a descrença, e os máos e os perniciosos themas para censuras e até para a calumnia. D'ahi provém ainda a limitada importancia que tem uma tão valiosa escola, e, por consequencia, a "minguada protecção que tem tido, quer do publico, quer do governo". (1).

Tão verdadeiras palavras, apesar de terem sido escriptas ainda no tempo de S. Magestade D. Pedro II, não envelheceram, continuam palpitantes de verdade, espelhando perfeitamente a vida da colossal colmeia para muita gente que se tem na conta de intelligente e perspicaz. Conta a benemerita

instituição setenta e cinco annos de existencia, e, infelizmente, tem sido mal comprehendida; a sua vida gloriosa dentro da pobreza vem-se arrastando durante quasi um seculo, amparada unicamente pela protecção de Campos Salles, Rodrigues Alves, Marechal Hermes da Fonseca e de um punhado de abnegados, que deixam a tranquillidade da familia para transmittir ensinamentos, sem outros proventos que os da beneficencia, a milhares e milhares de creaturas pobres ou ricas, sem distincção de sexo! (2) A tão grande devotamento presidiu sempre a figura de Bethencourt da Slvaa, educador, de Bethencourt da Silva, artista e batalhador em pról da verdadeira sciencia esthetica; os seus monumentos ahi estão num canto perenne de glorias e de exemplos a serem imitados.

Delle são as esbeltas torres da igreja do Sacramento, torres que mereceram dos contemporaneos do mestre as referencias mais honrosas:

"Nas torres do Sacramento ha duas especies de poesia: a da arte e a da religião; uma evoca Deus, a outra desperta no coração o sentimento do bello; uma enleva, a outra arrebata; uma extasia, a outra enthusiasma; e ambas, reunidas, formam o conjuncto, a alliança entre o divino e o humano, que a alma comprehende e os labios não explicam." (3).

Ainda de Bethencourt da Silva são varias das nossas escolas, é o palacio da Praça do Commercio e era a famosa escada do Externato D. Pedro II. Sobre tão bella obra de engenharia, Mucio Teixeira, em um magnifico estudo sobre a individualidade do grande architecto, escreveu:

"Tal audacia, a não ser em construcções de ferro, não nos consta que até hoje tenha sido praticada em qualquer outro paiz."

"O insigne engenheiro André Rebouças, quando era lente da Escola Polytechnica, levava annualmente a turma dos seus alumnos para ver e admirar essa escada, dizendo-lhes que *em outro qualquer paiz só ella bastaria para immortalizar o nome de quem a ideou e realizou.*"

De Bethencourt da Silva era o magestoso salão do Bacharelato do antigo Pedro II (externato); a magestosa concepção da Praça do Commercio era tambem da autoria do mestre creador da nossa maior escola do povo. O Lycêo de Artes e Officios foi, na noite de 26 de Fevereiro de 1893, destruido por um formidavel incendio; entretanto, o seu creador não se sentiu abatido, apesar das lagrimas que lhe banharam as faces e a grande barba, onde já alguns fios de prata appareciam irreverentes, provocados, não pela velhice, mas pelas preoccupações e actividade.

Na manhã seguinte, muito cedo, dirigiu uma carta aos jornaes, narrando a desgraça que ferira o povo e pedindo auxilios materiaes para de novo erguel-o das cinzas...

Poucos mezes depois recomeçaram as aulas e a aureola do grande architecto refulgiu com mais esplendor. Grandes exposições foram por elle realizadas; dentro d'aquellas paredes, as artes e as industrias ganharam vulto, e a tenacidade de Bethencourt da Silva venceu sempre.

Hoje o Lycêo é um colosso, desperta a attenção da população e do estrangeiro que aporta á nossa cidade, e com elle cresce a figura austera do grande benemerito da cidade.

Bethencourt da Silva, além de educador, sabia manejar a palavra escripta e falada como poucos do seu tempo; deixou discursos magistraes, versos de grande pureza de fórma e de linguagem, manejou a critica de arte como poucos. Pelo merito conquistou todos os titulos que possuia.

E assim foi a vida de Bethencourt da Silva, fundador da Escola que hoje commemora o seu 73º anniversario.

---

(1) "O Lycêo de Artes e Officios", (pags. 76 e 77), Felix Ferreira.

(2) Os professores do Lysêo até 1923 recebiam pagamento pelos seus serviços.

(3) Felix Ferreira.

ADALBERTO MATTOS

Os tempos mudam com effeito. Antigamente, os brasileiros que iam a Europa educar-se ou a simples passeio, eram depois os peores inimigos do nosso paiz... Nada lhes servia quando voltavam de lá. A tudo torciam, aqui, o nariz. Só viam, por toda a parte, manifestações de atrazo e signaes de inferioridade da nossa gente, que os mais ladinos passavam a qualificar, repetindo a malidecencia de lá, de uma sub-raça sem possibilidades maiores nos dominios de civilização.

A Europa, sim, é que era! Lá só se respirava progresso, bem estar, conforto. A vida naquellas bandas do mundo tinha um encanto novo, um sentido superior de que a sua espiritualidade nos offerecia prova maior...

E fosse algum de nós, nacionalistas, oppôr a taes hymnos, algumas reservas! A réplica não se fazia esperar, mais ou menos ironica: — "Ah! vocês ainda não perderam a tanga"... "Andem lá — continuavam no seu portuguez compromettido pelas influencias estranhas — e verão se ainda continuam a supportar isto por aqui"! E concluem victoriosos: "Creiam que em materia de civilização nós atravessamos a idade da pedra"...

Hoje, felizmente, a conversa mudou: "A Europa já não é para os patricios que viajam a oitava maravilha da creação"... "Já não se póde viver lá"! "Aquillo tudo está mudado"... "Até o povo — outr'ora tão civil — perdeu a graça da educação"! "O estrangeiro é tratado ali como cachorro"... "E para ser tolerado tem que deixar ali os olhos da cara"! "E' o caso dos norte-americanos"...

E vão por ahi afóra os commentarios dos antigos namorados da Europa no Brasil! Agora, dizem-se mais brasileiros do que nunca... Ora graças a Deus! Até que emfim acabou a tola cantilena desses pobres agentes de desnacionalização entre nós! A quem devemos o milagre? A guerra teve nelle, certamente, uma parte. A outra deve-se levar á conta da campanha que na imprensa indigena se ha feito contra a toleima que viaja fóra do seu paiz...

Quadro antigo

Era uma noite esplendorosa e amena,
A sorrir pelo brilho das estrellas,
Diaphana e serena.
Joias raras e bellas,
Scintillavam no mar
Reflexos do luar.
E uma fita de prata unia o mar ao céo
Na fimbria do horizonte, ao longe, muito longe
Nessa esteira de luz, qual solitario monge,
Um barquinho passou, devagar, vela aberta.

....

Numa nesga de praia accidentada e incerta,
Dois noivos, labios unidos, mãos unidas,
Olhavam o scenario encantador
Suave como o escoar de suas vidas
Entre beijos de amor.
E pela noite esplendorosa e amena,
Anjo da poesia
Estendia
As largas, brancas asas de açucena.

(Bahia) ELSA ROSALINO

Auxiliar a "Sociedade de Assistencia aos Lazaros e Defeza contra a Lepra" é um dever de patriotismo.

O *Almanach d'O Tico-Tico* para 1930 sahirá em meiados de Dezembro

O Rio civiliza-se — diziam até bem pouco os nossos reporters de policia a cada crime que tinham de narrar... Para os intelligentissimos rapazes que fazem profissão dessa especialidade jornalistica, entre nós, nenhum indicio mais vehemente, no processo do aperfeiçoamento de um povo, do que o delicto em si mesmo...

Paiz, ou cidade, onde os actos de regressão social não ferem de continuo o forte senso conservador do povo, certo estará assim longe ainda de merecer o qualificativo de civilizado. Dessa impressão, participa, aliás, muita gente boa, poderiam articular em defesa propria aquelles nossos chronistas sem duvida interessantes e sobretudo muito pessoaes. A prova tem elles na convicção que alguns homens de pensamento sustentam a these da falta de espirito existente nas praticas moraes da sociedade...

Para esses philosophos, os "vicios elegantes" constituem, deste modo, a quintessencia das civilizações — cousa que acreditamos talvez não sustentem os nossos reporters.... As outras modalidades da degenerescencia têm, por sua vez, um alto sentido cultural, augmentando de grão na razão directa da sua monstruosidade...

Uma creança, por exemplo, que assiste a enterros para roubar, como se vem de descobrir entre nós, é um indice magnifico da perfeição a que vamos attingindo, socialmente falando!

Nós, que não somos philosophos, e muito menos da escola dos cynicos, assistimos taes factos, porém, com o coração confrangido, vendo nelles apenas tristes signaes dessa estranha punição com que a natureza violada nos seus principios eternos, se vinga, inexoravel, daquelles que transgrediram sua lei...

Este pequeno ladrão sacrilego poderia mesmo illudir a policia a vida inteira, porque preso já estava elle ao poste da mais triste das fatalidades, que é a que nos empurra para o crime, favorecido embora pelos estimulos da inconsciencia humana.

TEUS OLHOS

Oh! Teus olhos são luz nas trevas negras
Desta minha existencia amargurada!
Balsamo santo para as grandes dores
De minh'alma chorosa, torturada!

De orvalho gottas scintillantes, frescas
Para a flor perfumosa do prazer,
Que dentro do meu triste coração,
Do desgosto o sol veio emmurchecer!

Ai! Quando a morte nos gelados braços,
A rir, vier buscar-me deste mundo,
Quero que alegres com teus lindos olhos
O triste leito meu de moribundo!...

Nicanor Carvalho

Bahia, 2 de Setembro de 1929

EU

Tenho em mim...
dentro de mim,
presos, encarcerados
no cubiculo solitario do meu orgulho
Deus e *Satanaz*
dous entes differentes
que não se gostam...
que se odeiam
e que lutam sem treguas a batalha que só se acabará
quando eu...
(este triste campo de batalha)
esmorecer...

Celio de Medeiros

PHILOSOPHIAS DE UM "CONTADOR DE DINHEIRO"...

Tudo isto que por ahi chamam de "Vida" não é mais que um conjuncto banal de cousas simples: a mentira, a convenção, a blague, a necessidade, — o "noblesse abligé" quotidiano.

Dentro disto, e poucos têm a coragem de o dizer, giramos nós, o boneco de mólas, todo elle feito de articulações falsas e puchadas a cordel... Só assim o riso assoma aos labios, quando o fél amarga a bocca o bom senso apparente é o responsavel directo das ruinas do nosso figado, dos saltos do nosso coração, das perdas de phosphatos, do começo do fim!

Uma causa só para a cura de quasi todos os males: *recursos financeiros* — Receita difficil de se aviar mesmo nas pharmacias dos agiotas de 5 % ao mez...

Devemos ter sempre prompta a nossa intelligencia, de fórma que tambem a presença de espirito não nos falte nas occasiões precisas e preciosas!

Na existencia tudo é fructo de méras convenções. O proprio amôr tem a sua convenção que é a Felicidade! Nada se dá na existencia sem uma paga immediata.

O que nós devemos ter é um forte dominio sobre os nervos. — As explosões, que não se dão nos momentos propicios, trazem sempre resultados desastrosos e irreparaveis.

A philosophia tambem é falha. Sendo ella uma sciencia, como a medicina, tambem tem as suas "drogas"! Mas na Sociedade devemos ser mais ou menos philosophos. Isto é: tolerantes para os males em que não existam melhores recursos e condescendentes com as drogas que esse medico "A Vida" — nos receita.

Na existencia, e isto é incontestavel, nós somos como esses balões de papel de seda que se aprumam pelas epochas de fogos de S. João!

Sem breu, abano, fogo e bom impulso, ninguem sobe... Para tudo é preciso um auxilio...

Ha quem inveje os "ocisos", esses novos ricos que vivem dentro de um automovel caro, fumando cigarrilhas egypcias e gastando como nababos...

Não são tão felizes como nós avaliamos. E' que a alma do desoccupado é como o terreno inculto...

Dizem que um Jornalista é grande quando elle tem estylo e apregôa a sua honestidade e a rectidão do seu caracter... Isto chama-se "audacia" e não intelligencia. Alem disso o caracter não se faz nas columnas de um jornal. Ou elle vem do berço... ou não chega nunca, nem com o auxilio das machinas de imprimir...

E' de máo alvitre mostrar aos outros qualquer sentimento altruistico, assim como não se deve "sonhar em vóz alta". — A multidão em geral ri dos castellos e desdenha os poetas... Porque? Porque o poeta de uma figura faz uma alma!

A propria religião hoje em dia começa a falhar.

Vivemos da mathematica. Peza-se o ouro em balanças apropriadas, peza-se a patifaria, pezm-se as consciencias... Só o que vale é a cifra dentro de um papel immundo e contaminador de microbios, a que o vulgo chama "dinheiro". — Sem elle, tudo perde a vida, o calôr, a belleza e a côr!

Eu não sei se escrevi sandices. O certo é que só raramente e aos meus mais intimos e raros amigos devo mostrar a fundo a verdade da minha personalidade e a franqueza de minha alma de moço...

Vou me convencendo, que, para affrontar a Vida, tal como tragicamente se apresenta, cheia de um materialismo rude, não se póde pôr o coração nas attitudes nem a lealdade nas palavras... E' preciso olhar para as convenções, as mentiras, o "nblesse obligé"!

JECA PAULISTA

O Presepe d'"O Tico-Tico"

A Companhia Dr. Scholl S. A., no seu luxuoso estabelecimento de artigos para tratamento dos pés, na rua do Ouvidor, 162, continúa a expôr o maravilhoso Presepe de Natal do *O Tico-Tico*. Assim é que, numa de suas bem organizadas vitrines, o magestoso presepe constitue curiosidade, aliás justificada, de quantos transitam pela aristocratica via publica.

EVOCANDO O PASSADO

Foi uma verdadeira felicidade quando, por um acaso, nos encontrámos, os tres, á porta da Brahma.

Quanto tempo fazia que eu não via os meus bons amigos Mario e Laurindo! Quantas saudades em nossos corações de amigos velhos! E como estava mudado o Mario! Santo Deus, já não era o mesmo de ha 15 annos. Envelhecera rapidamente, e, com a epiderme secca, o rosto sulcado, aqui e acolá, cheio de cabellos branqueados, dava a triste impressão de um castello em ruinas...

Laurindo, pelo contrario, parecia mais joven; porém, essa juventude desapparecia ante o seu semblante carregado, que bem attestava algum desgosto recente.

Mudos, com os olhos rasos de agua, sentámo-nos, no "bar", como se evocassemos o passado, aquelle passado ditoso tão distante!...

Cada um, dada a nossa excessiva amizade, contaria sua vida, durante aquelles interminaveis 15 annos de cruel separação.

— A minha, rompeu, taciturno, o silencio, a voz roufenha do Mario, é a mais negra que vocês possam calcular.

— Peor que a minha?! Duvido! Retrucou-lhe Laurindo, em tom emphatico.

— Pois vou contar-lhes e vocês dar-me-ão ganho de causa; — redarguiu, sibillante, o Mario.

E, depois de accender um "palhinha" goyano, tirando grossas baforadas de fumo azulineo, que se integrava na atmosphera calma da tarde a expirar, Mario deu inicio á sua estranha historia.

— Vocês se recordam d'aquella noite chuvosa, quando estavamos parados á uma esquina? A ultima vez em que nos vimos e em que, por signal, o Lima ia brigando com o "Foge, Christo, lá vem o Diabo com a lança...", o homem accendedor do gaz...

D'ali fui, como disse a vocês, isto ha 15 annos, á casa do Sylvio, aquelle pobre operario que trabalhava na Casa da Moeda. Elle, coitado, adoecera rapidamente e, como o tinha no rôl dos bons amigos, fui visital-o. Conversei longo tempo com o infeliz colega que, tuberculoso, só esperava a hora final para entregar a alma ao Creador, e, quando me dispunha a sahir, minha attenção foi despertada pela entrada, repentina, de uma rapariga, que tambem vinha visital-o.

De relance, pude examinar a joven que chegára; typo de morena de estalagem; sapatos de verniz á Luiz XV e sem meias, vestidinho por cima dos joelhos, quasi sem mangas, cabellos revoltos e um decote indecoroso...

Os seus olhos, de uma fulguração estranha, reluziam na meia escuridão do aposento e, quando ella se approximou da luz do candieiro, buscando uma cadeira, foi que pude admirar, ficando verdadeiramente encantado.

Pudera! Um palminho de cara tão lindo! Seu rosto, avelludado, de um tom moreno, prendia a attenção de um pobre mortal como eu.

Os labios, quando esboçavam um sorriso, formavam duas covinhas encantadoras, deixando a descoberto duas filas de dentes alvissimos. Pois meus amigos, depois soube, pela bocca do proprio Sylvio: aquella pequena, tão insinuante, era namorada de um tal "Dadá", rapaz de máos antecedentes, que, com a habilidade propria de um individuo sem caracter, tratava de perverter a namorada.

— Miseravel! — fiz eu ao ouvir as ultimas palavras de Sylvio.

Desde aquella noite, comecei a nutrir uma paixão louca, pela moça; depois, o que mais me prendia era o seu sorriso encantador e bondoso. E comecei a cortejal-a. De primeiro, me repelliu com insolencia, chamando-me de atrevido, patife... mas dedepois, com brandura, foi cedendo, até que me confessou o seu grande amor.

Vivi num mar de rosas durante uns tres mezes, embebido naquelle affecto puro e santo, que me dava coragem para viver.

Um bello dia sua mãe, uma boa senhora, advertiu-me da grande vantagem do casamento para nós ambos, considerando a amizade que nos prendia.

Na nossa vida, depois de no casarmos, si bem que lhe proporcionasse todo o conforto, existia um "quê", tão forte actuando no espirito de minha mulher, a ponto de, por vezes, insultar-me desabridamente.

Uma tarde, ao voltar do trabalho, tive um presentimento tragico ao avistar por aquellas paragens, o odiento "Dadá". Chegando em casa, minha mulher, notando a afflicção de que estava possuido, interrogou-me:

— Estás doente, Mario?

— Uma dôr de cabeça passageira, respondi-lhe.

Mas, a verdade, é que alguma cousa me dizia, que que ooutro homem, naquelle dia, pizára o meu lar, profanando o santuario onde guardava avaramente aquillo que era mais sagrado para mim: a honra.

Acabrunhado, puz-me a olhar para o chão, dando com os olhos numa abotoadura. Febril, com os olhos escancarados, ante a verdade nua e crua, que se me apresentava, apanhei o objecto, examinndo-o.

Meu não era! Tinha certeza d'isso.

Que dôr, meus amigos! Não disse uma palavra. Entrei para o quarto, procurando algum indicio — doido que era!

Agora, era um alfinete de gravata, que o panno da mesinha de cabeceira deixava com a perola indiscretamente de fóra.

Apanhei-o, e com um ciume feroz reconheci-o: pertencia ao "Dadá". Por varias vezes, vira-o na na gravata listada d'aquelle bandido. Posso assegurar a vocês uma cousa: D'aquelle momento em deante, comecei a levar uma vida agitada, esperando, a todo momento, pilhal-os em flagrante, para, então, fazer-se sentir minha vingança terrivel! Por vezes, sahia mais tarde, chegava antes da hora, mas, nada... Uma manhã, quando cheguei á repartição, fui accommettido de um mal subito; não sei, si seria devido á fraqueza, pois nem comia, na duvida atroz.

O certo é que quasi desmaiava.

— Vá para casa, disse-me o chefe.

Muito pallido, a custo, tomei um taxi, mandando tocar para casa. De longe, pareceu-me ver entrar um individuo, de branco, no meu portão e deixal-o aberto. Livido, antevendo uma desgraça, suppliquei ao motorista:

— Pelo amor de Deus, mais depressa!

Ao cabo de tres minutos, saltava na esquina, para não despertar suspeitas. O portão aberto era o de casa! Rapido, galguei as escadas, e entrando na sala de frente, encontrei aquella que tanto amava, nos braços de outro homem,

do seu namorado de antigamente! Baqueei... Nem forças tive para detonar a pistola que trazia. Quando recuperei os sentidos, o miseravel já havia fugido, e minha mulher, como se nada houvesse acontecido, com um sorriso jovial, trazia-me um copo d'agua de flor, dizendo-me:

— Mario, estás tão pallido...

Ah! Não calculam, que odio tremendo se apossou de mim! Os olhos escureceram-se-me e tive a impressão de que ia morrer. Horrivel, simplesmente horrivel! Um cansaço mortal prostava-me.

De repente, fazendo um esforço inaudito, sem ser observado, tirei de uma gaveta um tubo de pastilhas de sublimado corrosivo e, despejando-o no copo, gritei para a esposa infiel:

— Bebe! Bebe!

— Mas, você é tolo... Por que não hei de beber? E' agua de flor...

— Bebe, miseravel! — repeti, escumando de raiva.

Maria, sorridente, com aquella vivacidade tão peculiar, segurou no copo e, de um só trago, sorveu o terrivel veneno!

Ainda fiz menção para contel-a. Era o meu primeiro e ultimo amor que ia morrer... mas era tarde.

Apertei os olhos para não ver a agonia.

Mas, quando acabou de beber o toxico, vendo, no fundo do recepiente, uns restos das pastilhas não dissolvidas, minha mulher inquiriu-me, com desprezo:

— Estás satisfeito?

Indescriptiveis momentos de espectativa, meus amigos, succederam-se áquelle espectaculo pungente, que se me afigurava tenebroso.

Muito calma, foi ao espelho, pintou as faces com carmim, fez olheiras novas, e depois de deitar um olhar pela janella a fóra — o ultimo, pensei — rodopiou, como se estivesse tonta, cahindo na cama.

— Morta, meu Deus! — Disse eu soluçando, tremendo de emoção, sentindo o sangue gelar-me nas veias.

De braços abertos, encaminhei-me para o templo d'aquelle amor que acabava de extinguir, osculando-lhe a testa fria.

— Perdoa-me, Maria, mas tu merecias a morte... Sou um desgraçado.

Immediatamente, aquella que julgava morta descerrou as palpebras e, enlaçando-me, suspirou:

— Meu amor, estás perdoado...

Estarrecido, recuei.

— Santa ingenuidade!... Então, você pensa que pastilhas de chocolate mata alguem? — perguntou-me ainda, em tom de mofa.

Ah! meus amigos velhos, foi que pude admirar o grão de astucia, a maldade personificada d'aquella mulher, que, de humano, só tinha a fórma. Um demonio!

— ...Mas... amava-a muito. Segurei no chapéo e, pela ultima vez, contemplei-a, extasiado.

Depois, toca a errar por este mundo a fóra, isto já ha uma semana, até que os encontrei...

* * *

Laurindo, que, como eu, ouvia religiosamente o romance do Mario, assaltado por uma agitação repentina, com os olhos esgazeados, levantou-se.

— Mario, como se chamava essa mulher?

— Maria de Castro.

Um grito terrivel, dilacerante, reboou pelo "bar" e apoiando-se em uma mesa, debulhado em lagrimas, Laurindo balbuciava, a custo.

— Maria de Castro... Maria de Castro... a minha amante que falleceu ha dois dias!

E, commovidos, estreitaram-se em um longo amplexo, chorando copiosamente.

GOMES NETTO

A FRAUTA

E na tasca nojenta, refugio do crime, onde espiraes de fumo se evolam, revoluteando em novelos cinzentos, espreguiçando-se pelo tecto, ouvia-se na acalmia da noite, o sonoro sibilar da frauta. O consonar da charanga desperta-nos a nostalgia infinita de uma patria inexistente, revive-nos sonhos desfeitos num mixto de alegria e tristeza, saudades de um passado que não vivemos, lembranças de amores sonhados, antevisões de um futuro fantastico, inexequivel.

Sim... a frauta chora. E' sua lagrima a harmonia sonora que enche o espaço, sobe ás nuvens, penetra nos aposentos e nos satura a alma de uma magia dolorosa. A sua voz, ora é a cavatina ciciante nos labios do bardo sonhador, ora a melopéa barbara da floresta gorgeante, ora o escachôo de catadupas chuchurreando, turbilhonando, gorgolejando jorros de crystaes e flocos de espuma, ora a rinchavelhada metalica de campanario, ora a lagrima transformada em som, o som transformado em poema de amor.

A frauta chora? Chora a alma do poeta, carpindo o desmantelar dos seus sonhos de visionario. Suspira a frauta? Suspira a alma da virgem que, no leito, embalada no vae-vem da imaginação vê o tombar exhaustivo e arquejante do heróe dos seus sonhos, o menestrel que nunca existiu, o cavalleiro andante que jámais existirá.

Por que será que a charanga me faz recordar aquelle periodo aureo de minha vida em que, com uma princeza resplendente de belleza e mocidade, tez alabastrina, cabellos de azeviche, ondeantes, esvoaçando ao sopro galerno da aragem, ouvindo os arrulhos madrigalescos dos pombos no balcedo enguirlandado de rosas, fugiamos pelas alamedas do mirabolante paiz das fadas para além... além... para o paiz dos deuses immortaes, lá onde a felicidade é a lympha crystalina fluindo na escarpa da vida? lá onde voejos hirundinos casquinam ao sol que nacara as filigranas d'ouro da aurora? Pára a frauta. Marujos que estaes na tasca nojenta, refugio do crime, não toqueis mais essas musicas maravilhosas...

Quero dormir, quero sonhar com a minha princeza adorada, a mulher que jámais existiu, quero sonhar com os seus olhos de jade onde se espelha o azul-loio de um céo matinal.

Pára, frauta maviosa, tuas harmonias recordam-me a musica divina que nunca ouvi. São tuas modulações gritos dilecerantes do passado, sonhos esphacelados nas cyrtes da realidade inflexivel, vozes de naufragos, imprecações de dôr, ululos de tragedia, ruinas, destroços, victorias, tropheos, prélios de heróes, baquetear de timbales, tilintar de espadas, tanger de bandurras ao luar, reluzir de elmos, dardejar de sóes coruscantes, o embate das ondas fragorosas, o estrugir do trovão na tempestade...

Marujos que estaes na tasca nojenta, refugio do crime, não me façaes recordar esse passado que nunca vivi, o paiz encantado que nunca habitei, os amores realengos que jámais frui.

Pára, frauta maviosa. Quero dormir, quero sonhar com a minha princeza adorada de olhos de jade onde se espelha o azul-loio de um céo matinal, onde se reverberam as escarchas de ouro de uma aurora eterna.

EPAMINONDAS MARTINS

Caminhões SPEED WAGON para 93 °|. dos requisitos de transporte

Os novos caminhões *"Speed Wagon"* fabricados pela "REO", foram de tal fórma melhorados que suprem a 93 °|° dos requisitos de transporte, quer se trate de passageiros, quer de mercadorias.

Os caminhões *"Speed Wagon"*, são construidos em chassis de 13 tamanhos, com capacidades de carga de 1|2 tonelada, 1 tonelada, 1 1|2 tonelada, 2 toneladas e 3 toneladas.

A diversidade de caixas e carrosserias comprehende os varios typos de omnibus e os desenhos especiaes necessarios para adaptarem-se á quasi totalidade dos requisitos commerciaes.

Produzidos por um dos fabricantes independentes mais antigos e mais prosperos desta industria, os ultimos modelos de omnibus e caminhões "REO" têm provado plenamente a sua capacidade para transportar mais carga util diariamente devido ao baixo custo do seu accionamento, inspirando desta fórma mais confiança do que nunca.

---

* *REO são as iniciaes de Ransom E. Olds, um dos pioneiros da industria automobilistica, um dos fundadores da REO MOTOR CAR COMPANY e actualmente presidente da directoria da dita firma.*

DISTRIBUIDORES PARA O SUL E CENTRO DO BRASIL

S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS

Alameda Cleveland, 49-53 — S. Paulo

AGENTES AUTORIZADOS:

SERGIO PEREIRA & CIA.

Rua Mariz e Barros, 338 — RIO DE JANEIRO

Os Sete Dias da Politica

A semana ultima foi das mais ricas em lances emocionantes na presente campanha.

Para os observadores da politica, foi de certo interessante vêr como nos campos adversos se desenrolaram, movimentados, ataques e contra-ataques. As cousas correram tão bem, que até pareciam antes dispostas. Assistimos, assim, a um verdadeiro jogo de guerra, com o seu esquadrinhamento de terreno e o mathematico desdobrar das suas forças... Nem mesmo os imprevistos faltaram ahi para mais perfeita identidade do quadro.

Romperam a acção os alliados, desfechando, cobertos pelo Sr. Epitacio, um golpe mais ou menos inesperado nos exercitos da União Nacional.

Golpe de flanco, não poderia este, aliás, ter maiores effeitos, mas em todo o caso, como a tactica manda responder sempre a qualquer tentativa de aggressão, para não perder as posições, a sortida alliada soffreu logo um forte contra-golpe tambem inesperado, até certo ponto, na attitude do Sr. Mello Vianna. Foram de admirar neste ultimo, sobretudo, a extensão e a presteza! Deante dellas, deu-se, como era natural, de resto, o recuo dos atacantes, cujo novo chefe, pela propria precariedade dos elementos de que dispõe, não conseguirá resistir a nenhum embate sério. O desapontamento foi geral, e á indecisão do primeiro instante succederam o desanimo, a confusão e a balburdia nas hostes reaccionarias do sectarismo carlista.

Agora, em face das novas posições assumidas, a luta si, em parte, se modificou, foi para reforçar as phalanges conservadoras, dados os recursos eleitoraes com que conta em seu Estado o actual vice-presidente da Republica.

Do outro lado, isto é, das bandas liberaes, ganharam quando muito um chefe, o que não modificará, materialmente, pelo menos, a situação real do conflicto.

* * *

Afinal, não nos disse, o Sr. Epitacio, na sua longa viagem pelas columnas de *O Jornal do Commercio*, quem lhe encommendou o sermão... O Sr. Getulio? O Sr. Antonio Carlos? Ou sua excellencia mesma?... A Nação precisava apurar bem esse caso, para melhor proceder, amanhã, ao balanço das responsabilidades. Sabe muito bem o antecessor do Sr. Arthur Bernardes no governo da Republica, que já lhe pesa sobre os seus hombros, entre outras, a culpa da crise mais do que todas graves, por que passou o paiz. Não fomos nós quem lh'a emprestou, senão a propria politica do Rio Grande, que na pessoa do seu chefe Sr. Borges de Medeiros publicamente o accusou de ter provocado a revolução. Apenas, naquelle momento, o Sr. Epitacio teria peccado, seguindo o mesmo, por omissão, cousa de que, aliás, discordaram muitos dos jornaes que hoje o applaudem... Para estes, o ex-chefe de Estado, depois de vêr fracassado, pela energia e habilidade de Raul Soares, o seu plano de se succeder no Sr. Alfredo Pinto, mal contendo a sua raiva passou a comprimir o Exercito, para depois de leval-o, com a revolta, a inutilizar de todo o candidato que derrotára o seu, na celebre reunião do Cattete em que São Paulo, pela bocca do presidente Washington Luis, pronunciou a phrase celebre da *attitude definda e definitiva.*

A' vista d'esse precedente, entendem alguns que é evidente a responsabilidade do Sr. Epitacio ainda no presente caso. Apenas, desta vez, esta se faz sentir pela acção, e ao invés de ir S. Ex. ao seu fim, não evitando a luta, procura agora evital-a, para melhor chegar a elle... Assim se pensa por ahi... Ha, porém, tanta maldade pelos meios politicos, que Deus nos guarde da tentação de julgar uma creatura só pelo que dizem della!

Por emquanto, preferimos acreditar que o nosso representante na Suprema Côrte de Justiça, tenha dado aquella sentença iniqua simplesmente trahido pelo seu amôr á Parahyba, mais o sobrinho que lá tem...

* * *

A fuzilaria de baixo calibre, com que as boccas de fogo da imprensa do Palacio da Liberdade têm alvejado, em vão, o Sr. Mello Vianna, diz bem dos effeitos desastrosos que levou aos campos liberaes, a sua franca hostilidade aos mesmos. Por ordem do Quartel General da Montanha, os corneteiros do rancho, mal se dava o facto, entram a vibrar num clangor tal, que mais pareciam as trombetas apocalypticas do Dia de Juizo... O mais curioso é que, ao nvés de pedirem perdão a seus deuses e soccorro aos legionarios invisiveis do seu credo, desorientadas, por sua vez, as sentinellas começaram a atirar umas sobre as outras, augmentando, além do mais, a barulheira infernal! Depois de perdido o prisioneiro, passaram então a se vingar da sua coragem, insultando-o soez-

"DULCABIR"

O Sr. Levy Santos, com escriptorio á praça Marechal Deodoro, 47-A, São Paulo, e que vem ha muito estudando as molestias do couro cabelludo, teve a gentileza de enviar-nos uma amostra do especifico "Dulcabir", que em São Paulo começa a ter boa procura não só como tonico e antiseptco das affecções pillosas, como tambem fixador do penteado, ao qual dá grande brilho e perfeito alisamento, por mais crespo e rebelde que sejam os cabellos.

Rigorosamente dosado e fabricado, sem o auxilio de nenhuma substancia nociva ao bulbo capillar ou á cabeça, o "Dulcabir" tem se acreditado entre tantos outros similares poderosos, apenas graças á propaganda que delle fazem todos quanto o experimentam e verificam realmente tratar-se de um bom artigo.

mente. Isto, porém, só os accusa. A sua furia em termos taes denunciam-lhes tão sómente a impotencia. Quem a vê sente logo a natureza da perda que acabam de soffrer, vendo livre de seu sitio quem com tamanho prestgio não tem razões sinão para odial-os pela traição de que foi victima.

Nós, em seu caso, usariamos de outra defesa, ou antes, de outra tactica — o silencio.

E' mais intelligente. E si o rompessemos, seria para reconhecer, nobremente, ao Sr. Mello Vianna, todo o direito de fazer o que fez. O direito só, não; o dever. Simplesmente cynico ou imbecil será pedir-se a um homem que numa luta fique exactamente ao lado daquelles que o combatem! Não se precisa ser politico para se ter logo, em tal hypothese, a idéa do perigo... A idéa da defesa é, pois, como esta, instinctiva tambem. Para havel-a, não se ha mistér de intelligencia. Processa-as, no seu fundo mysterioso, o proprio sub-consciente do individuo.

Quem, á vista disso, poderá, em consciencia, condemnar aquelles que se não entregam á morte? O Sr. Mello Vianna não tinha outra conducta a seguir. Reforçar a mão que o apunhalou pelas costas, como lhe fizeram os da Alliança, seria apenas irrisorio

* * *

"Si vis pacem, para bellum" — já diziam os romanos... E, apesar dos seculos que cahiram já sobre esta sentença da sua abedoria, até hoje ella não foi destruida. Debalde procuraram os homens descobrir fóra do preparo para a guerra outro meio de alcançar a paz. D'ahi continuar cada vez mais prestigiado o grande paradoxo dessa triste verdade que tantas tosturas ha causado ao nosso espirito de humanidade.

Ainda agora, a politica nacional, encarrega-se dessa desconcertante de-

DA MINHA JANELLA...

Para Eustorgio Wanderley

...E a vida continúa sempre em seu bailado rude!
E a alma soffre... e a alma ri...
E a alma soluça, em pranto convulsivo,
Entre o vicio e a virtude,
Impulsionada
Pelo genio singular e combativo
Que me faz pensar em ti!

Crepusculo... Anoitece...
Caem alguns pingos de chuva, melancolicos, na calçada...
A rua freme, a rua é tentadora!
Passam vultos femininos,
De braço dado com jovens cavalheiros...
Ha sorrisos brejeiros, por trás de leques de papel...
Olhares malignos,
E palavras de ternura, que se confundem
Com o rumor da multidão,
A escalar nova Torre de Babel!

Labios sangrentos e olheiras de encommenda.
Mornas e dôces hypocrisias sociaes,
Calvicies amplas, barbas negras, bem tratadas,
Perfumes, flôres á lapella,
Caras alacres e sombrias,
Braços nús, côlos nús, cynismos e bondades,
Tudo a rua estuante nos mostra, nestes dias!

...E a onda passa, e outra logo vem, após ella!
Dentro de um "double-phaetont" luzidio, fonfoneante,
Surgiu e foi-se
Para destino ignorado, vertiginosamente,
A volupia de dois seres que se adoram.
Que se buscavam desde muitos dias,
E, de repente, agora,
Matam a sua sêde ardente!

... E a vida rude continúa a bailar, em seu bailado rude,
Saracoteante, alacre;
E a alma soffre, e a alma, triste, sorri,
E a alma soluça,
Em pranto convulsivo,
Entre o vicio e a virtude,
Que me faz em ti pensar,
Impellida pelo genio singular e combativo,
Pensar ti,
Amor, em ti!

ALTAMIRANDO REQUIÃO

monstração. Não fosse o terem ido os responsaveis pela ordem publica pedir ao velho aphorisma latino as luzes da sua inspiração e, a estas horas, talvez já não pudessem responder bem pela sua guarda... Eram tantas e tão evidentes as disposições bellicas dos seus inimigos, os "liberaes", que não seria de estranhar estivessemos, sem isso, completamente conflagrados!

Nossa felicidade esteve, assim, realmente no facto de se dar o Sr. Washington Luis ás leituras classicas, em cujo trato corre, com força de postulado, aquelle antigo preceito salutar. A só circumstancia de saberem os partidarios do "quanto peor melhor" que o governo se preparava afim de melhor se fazer respeitar, bastou para que modificassem os seus terriveis planos e alterassem consequentemente o tom de sua linguagem... De tigres famintos de sangue, passaram todos a simples cordeiros indefesos. Basta que alguem delles se approxime para sentir-lhes a innocencia dos propositos no balir melodico... A' menor desconfiança em torno da sua metamorphose, elles reaffirmam-na, eloquentes, por protestos de candura os mais commovedores.

E vá qualquer pessoa dizer que não acredita nisto! A afflicção em que se ficam, coitadas, dá até vontade de chorar a gente...

ALBUM DE OEDIPO

TAÇA "MARIA-FLÔR"

Acha-se novamente exposta, mas desta vez em uma das vitrines da Companhia Dr. Scholl, á rua do Ouvidor, 162, a *Taça "Maria-Flôr"*, offerecida pelo charadista bahiano *Chantecler* ao vencedor das 3 séries consecutivas de que se compõem o respectivo torneio, organizado por esta Revista e paranymphado pela mimosa Maria-Flôr, digna filhinha do offertante da Taça, torneio cuja 1ª série já se realizou em Julho e Agosto deste anno, e cuja 2ª sel-o-á em Março e Abril do anno proximo.

MACHINISMOS AGRARIOS

Torna-se necessario repetir sempre aos nossos lavradores a conbeniencia de se adoptarem os modernos processos da lavoura, de molde a tornar mais efficiente o seu trabalho, tirando da terra maior proveito .O trabalhador de enxada é ainda e será sempre um elemento dispensavel, notadamente na pequena lavoura. A grande lavoura exige, porém, elementos materiaes, machinismos aperfeiçoados, que lhe permittam um desenvolvimento em harmonia com a capacidade productora de nossas uberrimas terras.

Trataremos hoje, como ensinameto util aos grandes fazendeiros ainda apegados á rotina da enxada e do pilão colonial, do descascador de arroz.

O arroz descascado a pilão quebra-se todo, desvalorisando-se, consequentemente, no mercado.

De sorte que o lavrador que possue tractores, arados, limpadores, etc.; não se deve julgar com a sua fazenda convenientemente apparelhada. Colhido o fucto de seu trabalho, merece elle ainda um ultimo auxilio para poder ter bôa acceitação nos mercados comsummidores.

O Brasil é, não só um grande productor, como um grande con umidor de arroz. Produzamol-o, portanto, em condições de não temer elle a concurrencia do similar estrangeiro. Nisto muito influe o seu beneficiamento.

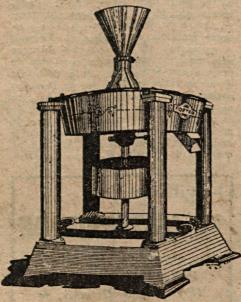
Abandonemos o pilão e façamos intimidade com o descascador de arroz.

ENSINAMENTOS PARA ASSENTAR O DESCASCADOR DE ARROZ

O bom assentamento do descascador, para funccionar, varia segundo as circumstancias e condições; porém, póde sempre ser feito em qualquer edificio, transportando-se o grão á mão, e com uma pequena despeza póde-se arranjar de modo que, tanto o descascador, como o grão se possam manejar com facilidade. Por exemplo: se o edificio constar de um só andar, pode-se armar uma plataforma de altura conveniente e collocar o descascador sobre a mesma, conseguindo assim logar, debaixo da machina, para collocação de um deposito grande, para casca, e ao mesmo tempo facilitar a descarga do grão directamente dentro da moéga do separador.

Se não houver segundo andar, pode-se construir um deposito ou motgão sobre a moéga do descascador, cujo tamanho póde ser proporcional ao espaço de que se possa dispor no logar. Um conductor ou bocca de descarga, que penetre duas ou tres pollegadas na moéga da machina, será sufficiente para abastecer de arroz o deescascador e não permittirá que o grão transborde da moéga.

Afim de se tornar ainda mais conveniente, pode-se usar de um elevador que conduza o arroz com casca, de qualquer ponto até dentro do dito moegão. Deste modo poder-se-á ter um beneficio quasi automatico.

Se o edificio constar de mais um andar, pode-se dispor de um arranjo mais conveniente e melhor que o acima descripto. Em um edificio de dois andares, por exemplo, pode-se depositar o arroz no segundo andar, e descarregal-o na machina do andar inferior, por meio de um conductor que se estenda até dentro da moéga do descascador. E este e o separador pódem estar collocados no primeiro andar, na disposição já mencionada.

O descascador "Foster", ao qual se referem as intrucções desta secção.

Se for mais conveniente assentar o descascador no segundo andar, póde-se construir um moegão ou desposito sobre o mesmo, no qual se pode elevar o arroz com casca. Esta disposição permitte descarregar a casca em um deposito conveninente, no primeiro andar, passando a mesma por uma abertura feita no soalho do segundo andar, t entregar o arroz benefiado, por um conductor de descarga, ao separador no andar inferior, o qual por sua vez póde descarregal-o em saccos ou em qualquer outro vasilhame. Pode-se. sem duvida, variar todas estas disposições, segundo mais comvéenha á parte interesada.

Quanto á disposição em que se deve collocar o descascador, em relação ao eixo de transmissão, ou contra eixo, se este se usar. — não faz differença alguma que a machina fique acima, abaixo, á essuerda ou a direita deste, com a excepção de que se se collocar directamente debaixo do eixo que transmitte a força, o comprimento da correia não será sufficiente para aproveitar o total da força empregada, e, portanto, a machina não dará tão bons resultados, a qual deve ter pelos menos a distancia de 6 metros da transmissão, e a correia deve abranger toda a largura da polia do descascador. O separador póde operar directamente do extremo do eixo do polidor, por meio de uma correia ajustada a uma polia collocada no dito eixo, ou pode operar de qualquer eixo, conforme fôr mais conveniente.

INSTRUCÇÕES PARA FAZER FUNCCIONAR O DESCASCADOR DE ARROZ

Antes de fazer a machina trabalhar, afrouxem-se os ganchos que seguram a tampa da camara do cylindro descascador, em cima, sobre a qual repousa a moéga destinada a receber o arroz a ser descascado; volte-se, em seguida, a tampa para traz e veja-se como está collocada a barra de descascar, pois é necssario que entre estas e as costellas do cylindro, haje um espaço de cerca de 3/16 de pollegadas, sendo este espaço apenas uma insignificancia, a menos, no lado da descarga da machina, que é a esquerda.

Abarra sómente retarda o passagem duma parte do grão, emquanto as costellas do cylndro a forçam a um attricto contra a parte que sae em primeiro logar, produzindo uma fricção que tem por fim tirar ao arroz a casca, a pellicula e o germem.

Assim que se estiver mais ou menos familiarizado com a construcção e principio, sob o qual a machina trabalha, feche-se a tempa e segure-se-a firmemente com os ganchos, apertando bem os pafusos. Para iniciar o funccionamento, feche-se tambem a corrediça de descarga existente sobre a tampa do cylindro, por detraz da biquinha da esquerda, que deita o arroz no polidor, e abre-se a corrediça de alimentação, debaixo da moéga ou guela, gradualmente, para que a machina se encha com lentidão. Poder-se-á abrir um pouco a corrediça de descarga (a da esqerda) digamos 1/8 de pollegada, afim do arroz já descascado poder entrar no polidor, que se acha localizado na camara maior, abaixo da do descacador, de onde deve ficar completamente descascado e polido.

Se, ao começar a machina a funccionar, e o arroz não sahir do descascador completamente descascado, não se deverá deixal-o passar ao polidor porém, deital-o novamente na moéga, até que

sáia inteiramente limpo. o que se consegue dentro de alguns segundos, por successivas graduações.

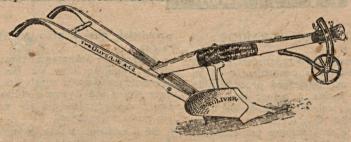
Estando a corrediça de alimentação completamente aberta, e depois de já teh passado certa quantidade de grão, se o arroz ainda sahir imperfeit.mente descascado, ajusta-se a barra descascadora, por meio das chaves ou parafusos fixos collocados ás extremidades do cylindro pequeno da machina. Este ajuste deve effectuar-se gradualmente, havendo muito cuidado em que a barra não fique demasiado proximo das costellas do cylindro, para não quebrar o arroz. E' imprescindivel prestar-.e muita attenção aos resultados obtidos nas mudanças da barra e da bocca de descarga, por pequenas que sejam as variações, afim de não passar despercebido o ponto exacto em que conviria fixal-as. A menor variações na descarga, pode fazer grande differença no resultado do trabalho.

Quando a machina estiver descascando bem o arroz, deixe-se que este passe livremente ao polidor. Abra-se a corrediça de descarga, pouco a pouco, para que o arroz passe pela machina com maior rapidez. abrindo ao mesmo tempo a corrediça de almentação, tambem pouca a pouco, até ficar completamente aberta. A corrediça de descarga regula o rendimento da machina, e deverá fixar-se no ponto em que esta proporcione maior quantidade de trabalho perfeito.

Supponda-se que a barra esteja bem ajustada e a corrediça de descarga demasiado aberta, de maneira que o arroz transite pelo interior da machina, com excessiva rapidez, sem ficar propriamente limpo, feche-se esta corrediça, até se obter um benefiamento satisfactorio. Obtido este resultado, fixem-se as corrediças de alimentação e descarga, por meio dos parafusos de pressão de que são providas.

Se aconecer esvasiar-se a moéga do grão que continha. — antes de a encher novamente feche-se a corrediça de alimentação, abrindo-a depois e deixando o arroz entrar gradualmente na camara do cylindro descascador, conforme já dissemos; do contrario a machina poderá "engasgar" e parar. No caso e "engasgar", feche-se a corrediça de alimentação, e afrouxem-se os parafusos ou chaves de compressão. afim de separar a barra e augmentar o espaço entre esta e o cylindro, pondo em seguida, a machina novamente a trabalhar. Mas antes de abrir a corrediça de alimentação. ajuste-se outra vez a barra na posição em que dava bons resultados, e no mais proceda-se de accordo com as instrucções já dadas acima

Quando for necessario parar a machina, á noute, ou em qualquer outra occasião, deve-se em primeiro logar fechar a corrediça de alimentação e deixar a machina se esvasiar antes de lhes tirar a força motora; do contrario, será necessaio separar a barra. como no caso muito bem póde acontecer, deve se ajustar a barra até conseguir a graduação conveniente

A machina não só deve descascar o arroz, como entregal-o completamente limpo de todo o germem, casca e pellicula.

O arado, indespensavel nas grandes culturas.

de "engasgue". E desde que o arroz seja da mesma qualidade, não se deve mudar a posição da barra, ao recomeçar o trabalho diario,, a menos que não esteja dando bom resultado.

Por ser o trabalho da machina mais penoso e duro num dia do que no outro, não é necessario mudar a posição da barra, logo que esteja bem ajustada. porem, sim, reter o arroz bem mais tempo dentro do descascador, o que se consegue fechando a corrediça de descarga o sufficiente até que o grão entregue pela machina, preencha os requicitos de limpeza que se desejem. Se a qualidade de arroz variar ou grão for de tamanho **maior** do que se estava descascado, será necessario separar a barra, afrouxando os parafusos de pressão (isto no caso de quebrar o grão), deixando deste modo maior espaço entre a dita barra e as costellas do cylindro. E, se ao contrario, o grão for de tamanho **menor**, o que

Estando o descascador bem ajustado, não quebra grão algum. Mas o grão que se tiver trincado, ao ser o arroz batido na roça, indubitavelmente sahirá da machina em pedaços, pela desaggregação que se dará, ao lhe ser retirada a casca; mas isto não quer dizer que a machina o quebre, que absolutamente não quebra.

A velocidade do cylindro de descascar deve ser de 600-700 revoluções por minuto, para o descacador n. 1; de 800-950 revoluções para o n. 7 tambem de 800-950 revoluções por minuto para o descascador n. 3.

N. B. — E' de grande conveniencia fazer-se uma limpeza geral no interior do descascador, pelo menos uma vez por semana.

De novo repetimos que, para se obter um beneficio de primeira ordem, é de grande conveniencia ventilar o arroz perfeitamente, antes de entrar no descascador, de forma que a palha, arroz chôco, areia, pedras, torrões, etc., não entrem na camara do cylindro, os quaes entrando, occupam o logar no corpo da machina, lhe diminuem a velocidade e augmentam a força necessaria para o seu accionamento.

HUMORISMO

Scena da roça

O Chico de sá Maria,
Certa vez foi sambiar,
Num casamento que havia
No sitio do Salazar.

Tinha a tal duma Luzia
Com quem elle foi dansar,
Mas no meio da folia
Começou a namorar.

Vendo aquillo o pae, zangado,
Murmurou todo enfezado:
— Eu já mato este sujeito.

Porém, ante áquella scena,
O Chico diz á pequena:
— Quem achar ruim, dê um geito!

WILSON RIBEIRO
(Moreno — Parahyba)

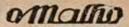
UM "BICHO" DE CORAGEM...

O Sr. Antonio Carlos ficou passado, quando descobriram que elle era um homem valente...

...muito embora os meninos de lá, da casa, vivessem elogiando o pulso do estadista...

Era preciso, porém, guardar as apparencias. Treinou...

...treinou, até que passou pelo susto de enfrentar o braço forte!

Não me olhe, sinão eu renuncio!

P. R. M.

E, hoje, corrido, vive em tremuras com medo de fantasmas

Onde ha mosquitos,
ha perigo para a saude. Onde ha «Flit» não ha mosquitos
Mate os mosquitos pulverizando «Flit».
Compre uma lata e um pulverizador de Flit hoje mesmo.
FLIT
MARCA REGISTRADA
Para a protecção do publico, o Flit vende-se sómente em latas fechadas
FLIT
Mata
Moscas
Mosquitos
Traças
Formigas
"A lata amarella com a faixa preta"

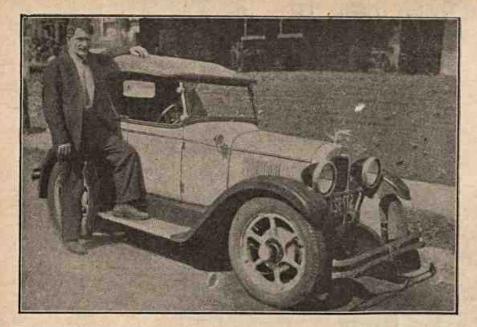
O MALHO

RIO DE JANEIRO, 23 DE NOVEMBRO DE 1929

ANNO XXVIII — NUM. 1.419

O SEU A SEU DONO

ALFREDO SA': — Desinfecta! Desinfecta! Essa cuderia é do degas.

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

S. Luis, Estados Unidos — O mecanico Branks, que tem creado os mais bellos typos de automoveis.

Uma corrida original, em Londres — Dactylographas que correram escrevendo á machina.

O chefe do gabinete inglez Macdonald durante a sua visita aos Estados Unidos da America do Norte.

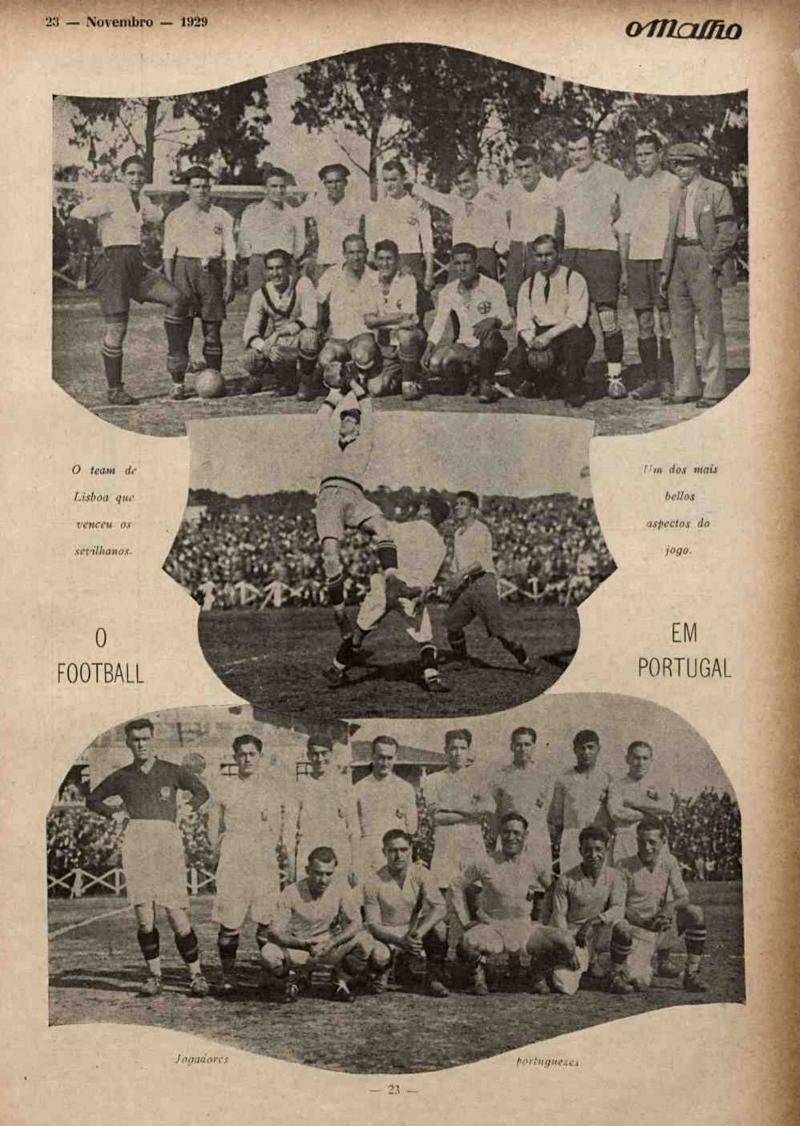
"Boy-scouts" canadenses disfarçados em Pelles Vermelhas em Birkenhead.

O Malho

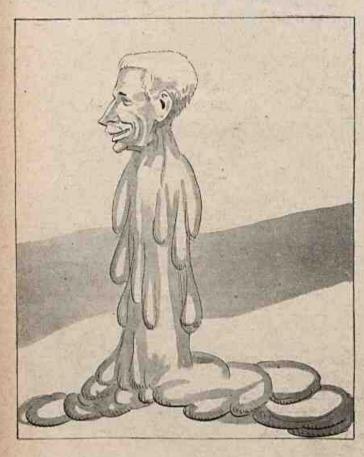
O team de Lisboa que venceu os sevilhanos.

Um dos mais bellos aspectos do jogo.

O FOOTBALL EM PORTUGAL

Jogadores portuguezes

O SR. ANTONIO CARLOS E SUAS

O illustre Andrada, em dados momentos, considera-se espanador, e fica, então, limpando tudo que é movel.

Outras vezes, te ma que é tinteiro, e, para escrever, molha a penna em si mesmo.

Em dias de sol, pensa que é cera, e só anda na sombra, com receio de ser derretido.

Se está no quintal do Palacio, corre logo que chega a lavadeira, porque já cansou de ser taboa de bater roupa.

MAIS RECENTES VOCAÇÕES

Ao romper da aurora, a guarda do Palacio ouve um estranho ruido: é o Presidente que virou gallo.

Se por ventura vae ao gallinheiro, S. Ex., de repente, damna a correr, na persuasão de que é um grão de milho.

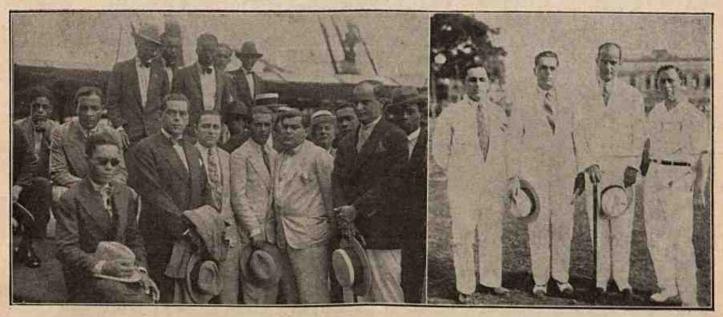
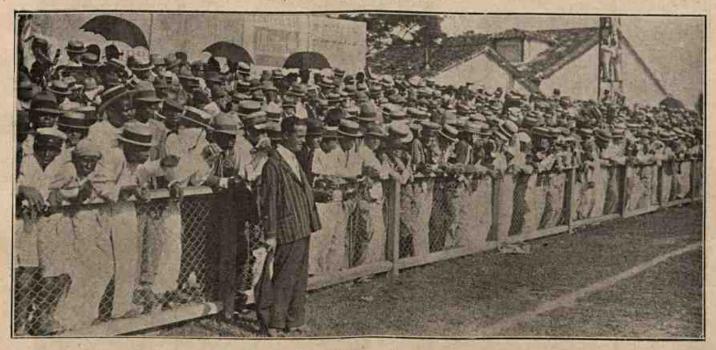
A' hora do café, S. Ex. se desdobra em gentilezas: faz-se bule e quer servir os outros.

E se o café está amargo, transforma-se num assucareiro. O Dr. Juliano Moreira já sabe de tudo.

"O MALHO" NA BAHIA

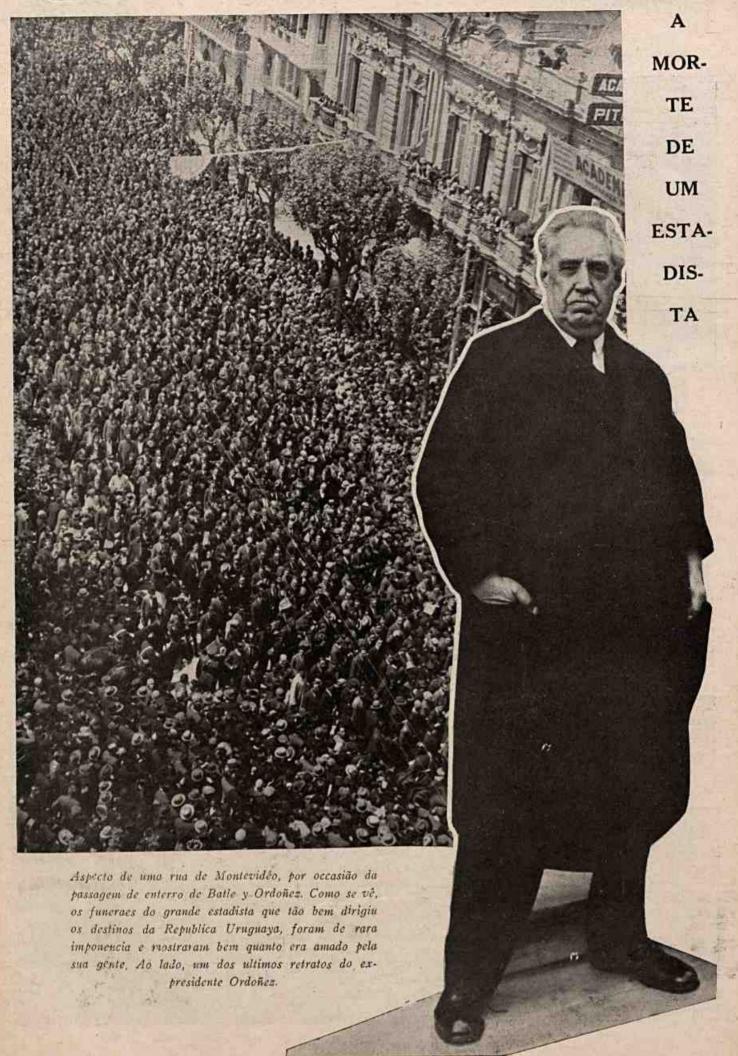
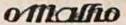
Os academicos da Faculdade de Direito e os membros do Conselho Penitenciario photographados entre os detentos por occasião das cadernetas de livramento condicional; ao centro está o Dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia.

Durante a reunião do Conselho Penitenciario para a distribuição das cadernetas de livramento condicional aos detentos, vendo-se na presidencia o Dr. Madureira Pinho.

"O MALHO" NA BAHIA

Chegada á Bahia da Embaixada Capichaba, de foot-ball, vendo-se o Dr. Carlos Spinola, representante da Confederação Brasileira de Desportos. A' direita: o Dr. Carlos Spinola e o presidente da Liga Bahiana entre o juiz e o chefe da delegação Capichaba.

Durante o jogo Bahia x Espirito Santo

Aspecto das archibancadas durante o jogo Bahia x Capichabas

A MORTE DE UM ESTADISTA

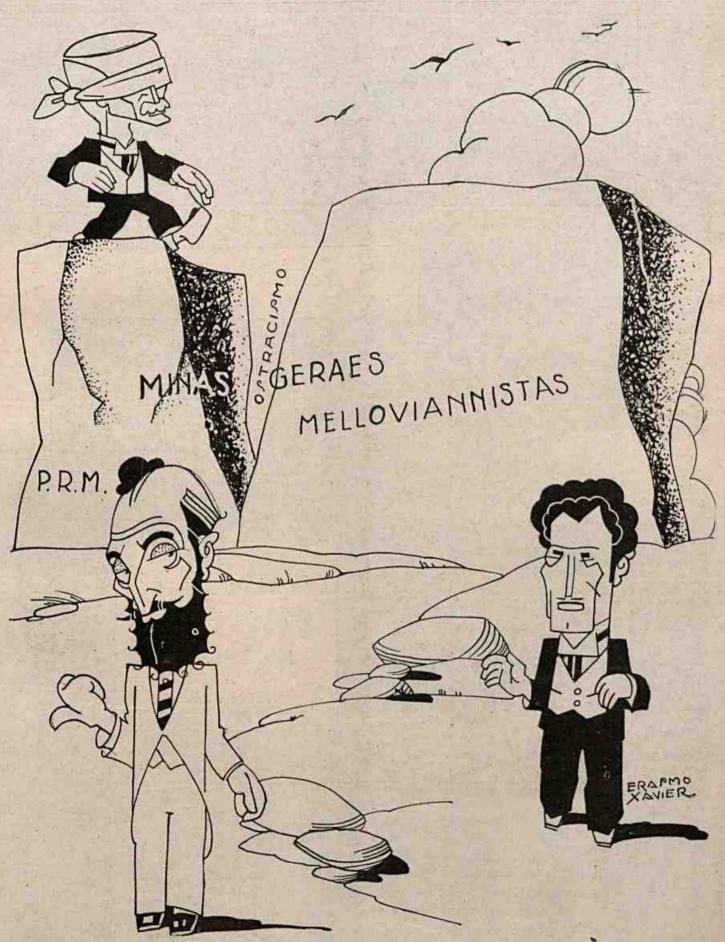
Aspecto de uma rua de Montevidéo, por occasião da passagem de enterro de Batle y Ordoñez. Como se vê, os funeraes do grande estadista que tão bem dirigiu os destinos da Republica Uruguaya, foram de rara imponencia e mostraram bem quanto era amado pela sua gente. Ao lado, um dos ultimos retratos do ex-presidente Ordoñez.

COMO PILHERIA, É MAGNIFICA...

MINAS GERAES

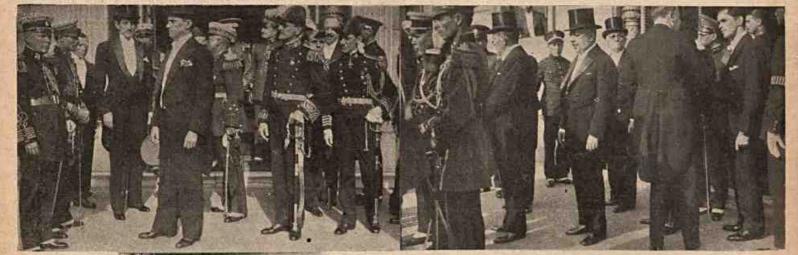
OSTRACISMO

MELLOVIANNISTAS

P.R.M.

ERASMO XAVIER

MELLO VIANNA: — Então, desanimados, hein? ...
JOSE' BONIFACIO: — Qual! O P. R. M. continúa, agora, mais coheso e forte do que nunca!

O 40° ANNIVERSARIO DA REPUBLICA BRASILEIRA

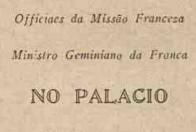
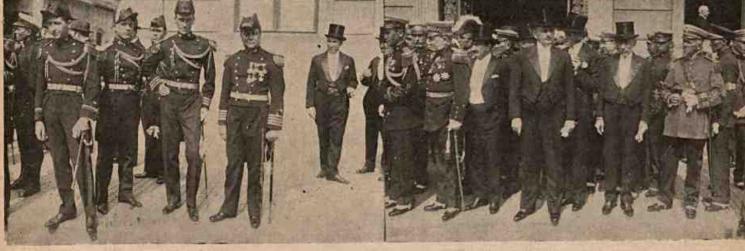
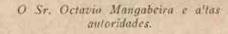
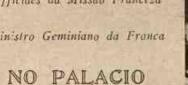
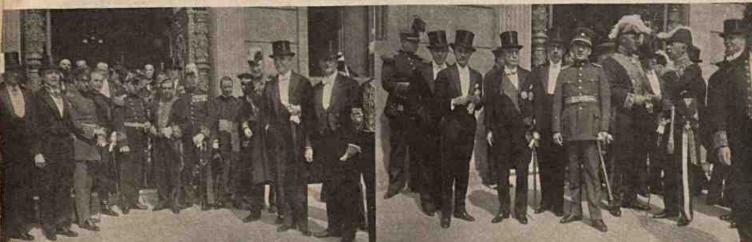
O Sr. Octavio Mangabeira e altas autoridades.

O Sr. Mello Vianna, almirante Pinto da Luz, senador Mendonça Martins e autoridades militares.

Diplomacia.

Officiaes da Missão Franceza

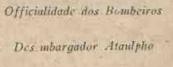
Ministro Geminiano da Franca

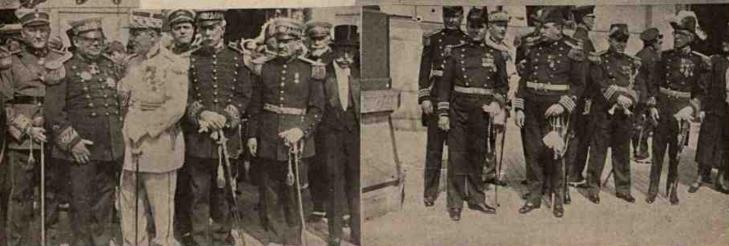
NO PALACIO

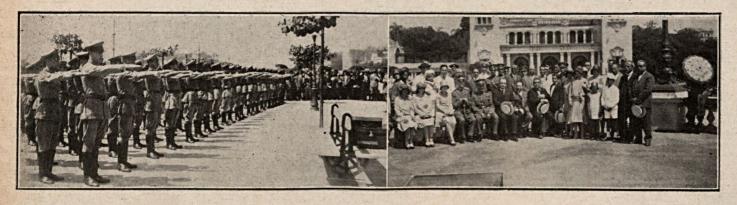
Marinha e Senado

Corpo diplomatico e officialidade brasileira.

Exercito.

Membros do Corpo Diplomatico e officiaes de terra e mar deixando o Palacio do Governo, no dia 15 de Novembro.

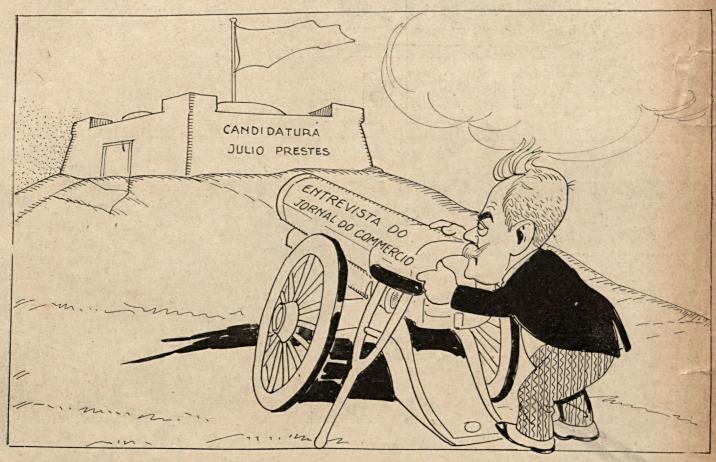
Officialidade dos Bombeiros

Desembargador Ataulpho

DO CATTETE

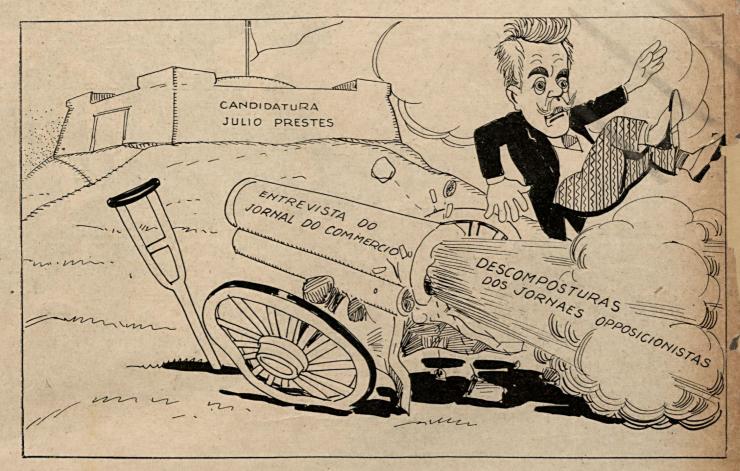
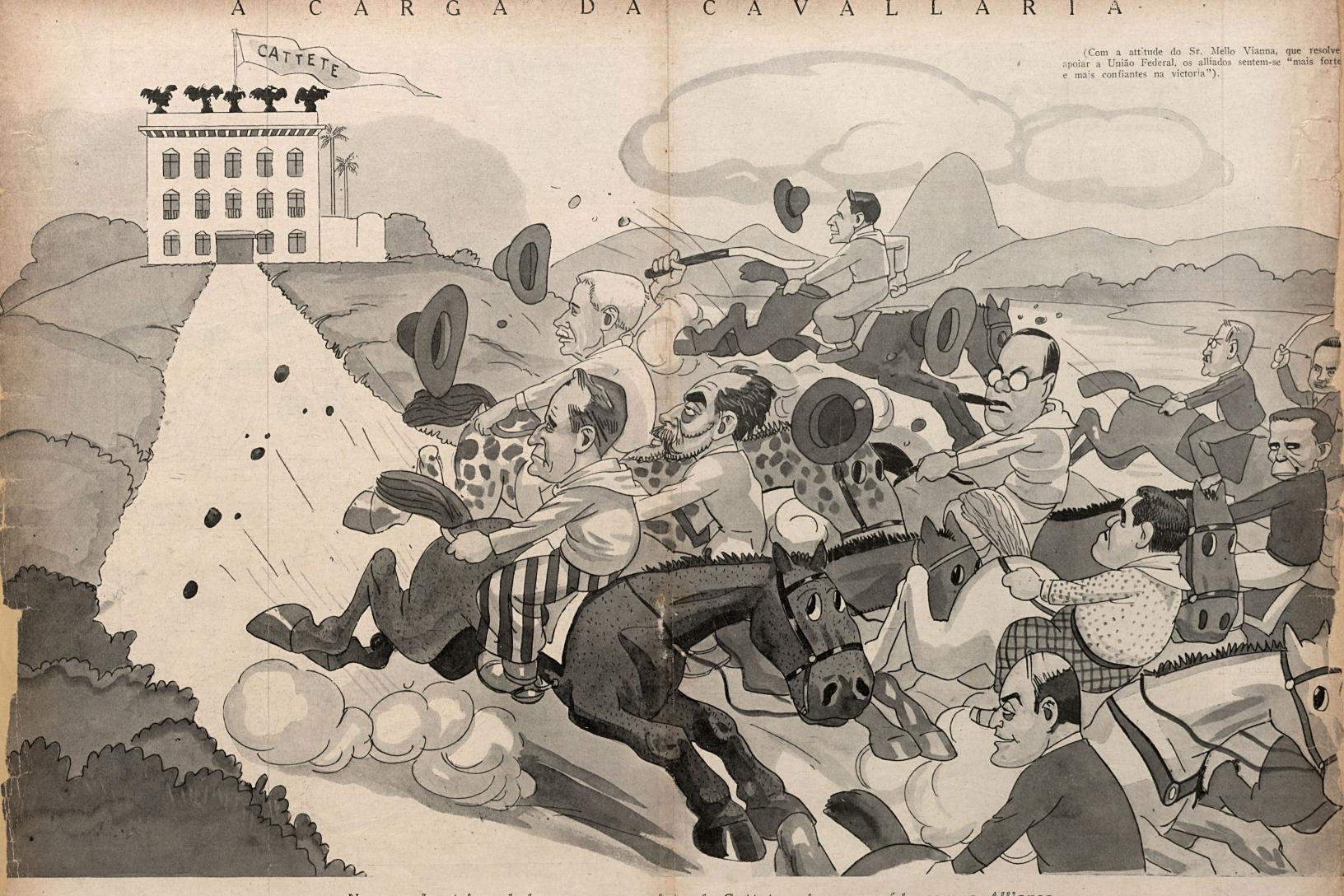
Exercito e Marinha

Os atiradores que vieram disputar o Campeonato de Tiro num grupo fraternal

A festa do Sr. minstro da Marinha aos officiaes estrangeiros, no Club Naval

O juramento á Bandeira pelos reservistas da A. E. no Commercio

Na Embaixada Ingleza, durante a festa em beneficio do Templo Britannico e homenagem ao general Osorio pela missão militar uruguaya.

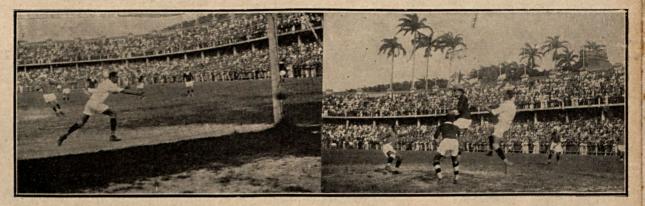
UMA BOA "PEÇA"...

O "tiro" veiu preparadinho da Europa...

...mas sahiu pela culatra!...

A CARGA DA CAVALLARIA

(Com a attitude do Sr. Mello Vianna, que resolve apoiar a União Federal, os alliados sentem-se "mais forte e mais confiantes na victoria").

Na marcha triumphal para a conquista do Cattete, ninguem póde com a Alliança...

VASCO X AMERICA

Os teams que mais uma vez empataram no dia 15 de Novembro. O empate foi de 1 x 1.

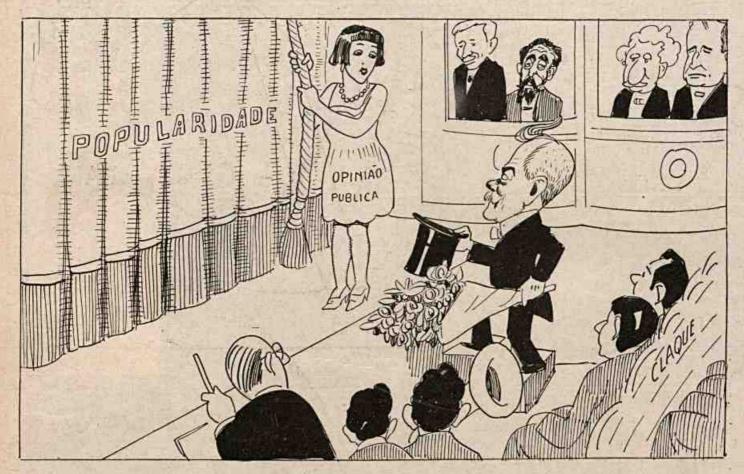
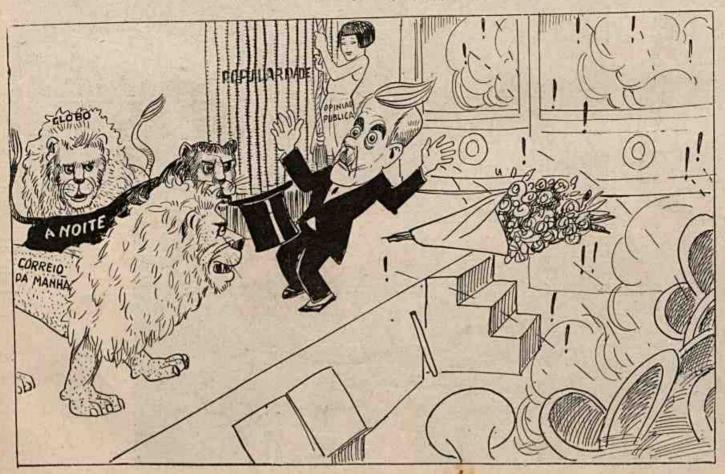
Um magnifico aspecto do jogo

No Stadium, durante a peleja America x Vasco da Gama

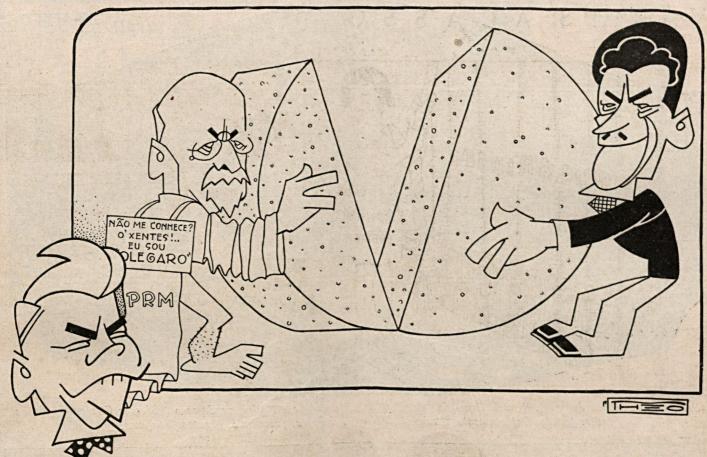
NO ESTADO DE SÃO PAULO

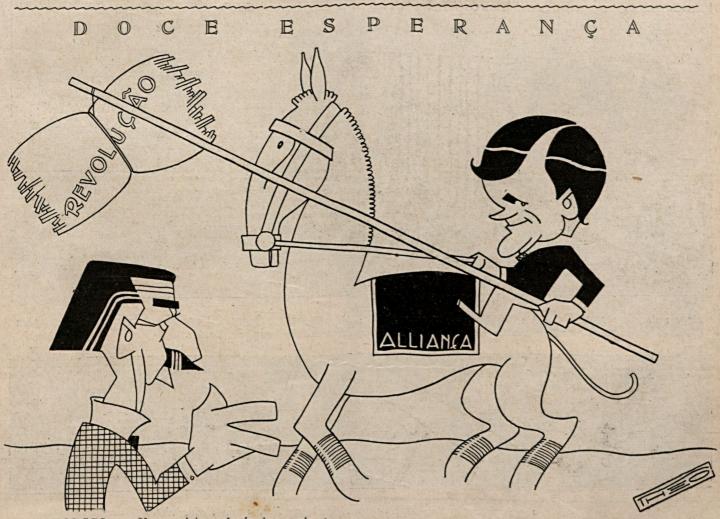
O Sr. presidente do Estado, rodeado de altas autoridades, na recepção em Palacio.

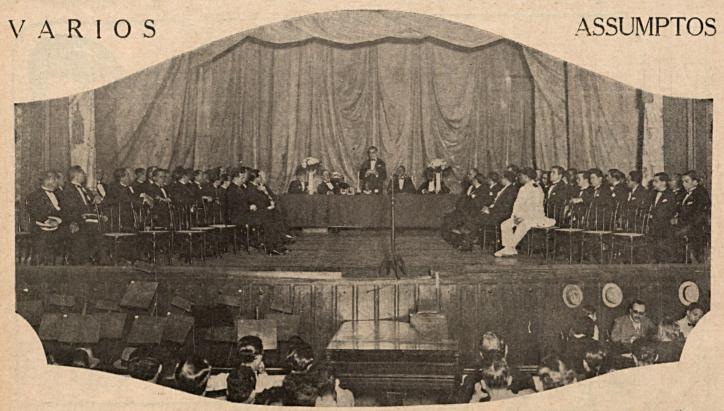
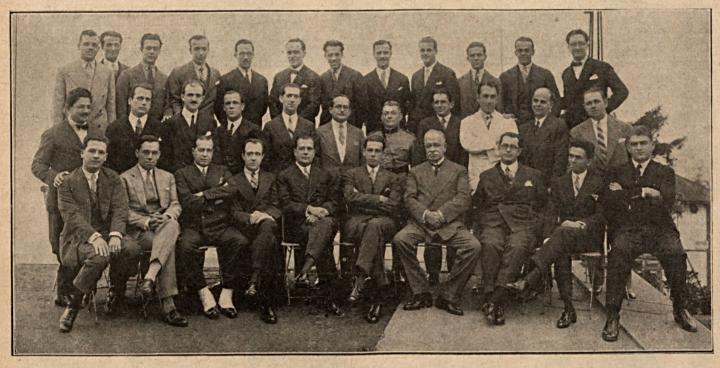
A officialidade da Força Publica, em frente á séde do governo.

O desfile da Cavallaria da Força Publica.

O FRACASSO DO ACTOR

Tio Pita caminhou firme para o palco...

...mas não lhe deixaram representar o seu papel.

A PARTILHA DO QUEIJO

WASHINGTON: — Esse Mello Vianna bem mostra que é meu companheiro de chapa: — ficou logo com o maior pedaço...

DOCE ESPERANÇA

BORGES: — Vamos deixar de fonfarronadas!
J. NEVES: — Mas, sem o feixe de capim, o burrico não vae para deante...

VARIOS ASSUMPTOS

Sessão de abertura do 5º Congresso Brasileiro de Hygiene, reunido em Recife, vendo-se o professor Clementino Fraga, director do Departamento Nacional de Saude Publica, fazendo o discurso inaugural.

Depois do almoço ao Dr. Oscar Santos, offerecido pelos seus amigos e collegas, em regosijo pela sua nomeação para representante do Ministerio Publico, no Tribunal de Contas.

Durante a exposição de Arte Decorativa Allemã, na Escola de Bellas Artes

Ultimo desejo

Quando a flôr que te encerra a mocidade,
Emmurchecer numa estação da vida,
E as tuas esperanças (que saudade!)
Levar-te as illusões em despedida...

Oh, tu, a soluçar o teu passado,
Has de ler estas linhas, — meu desejo...
E, — quem sabe? — talvez, já sepultado,
Eu não possa assistir o que antevejo!

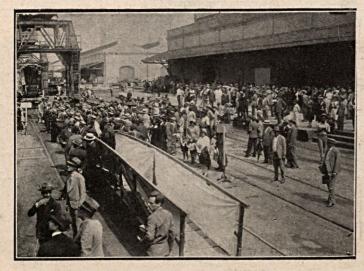
Mas, si chorando tua desventura,
Meus versos recordares um momento,
Resa-os com fé mais santa e com ternura.

Porque em te vendo tanto sentimento,
Minh'alma boa, cheia de tristura,
A teu lado estará, no soffrimento.

GUARATIM

(Rio)

Festa da Penha — Capital — Um "jazz" que animou e alegrou os festeiros daquella santa padroeira.

AS VIAGENS DE TURISMO INAUGURADAS PELO LLOYD BRASILEIRO

O pateo do armazem 14 do Cáes do Porto, á hora da partida do "Almirante Jaceguay".

A retirada dos que, com saudade e inveja, foram despedir-se se dos turistas a bordo.

A actual directoria do Lloyd Brasileiro, composta do Dr. Amantino Camara e dos commandantes Romeu Braga e Brigido Sobrinho, teve a feliz idéa, louvavel sem nenhuma reserva, de crear uma linha de turismo entre Manáos e Buenos Aires e que foi já inaugurada, na ultima semana, com a partida d'aqui para o Prata, do "Almirante Jaceguay", elegante e confortavel unidade da frota nacional. O successo obtido pela iniciativa justifica a satisfação dos operosos directores do Lloyd, que vêem, desde o inicio, coroada de franco exito a sua acção em favor de um nosso maior intercambio com os paizes do sul, o que dispensa commentarios quanto ás vantagens que nos trará e á significação que comporta.

O "Almirante Jaceguay" partiu d'aqui, sob o commando do capitão Arnaldo Muller dos Santos, com sua lotação completa e num ambiente festivo de musica e alegria.

Annuncia-se para 23 deste outra viagem deste genero, que continúa a despertar o maximo interesse.

A alegria dos que partem para uma excursão encantadora

As difficuldades com que, de ordinario, se organizam os ministerios lá por fóra é um facto que entre nós despertará sempre estranheza.

Nós não comprehendemos como em terras de tanta fartura de homens, a exemplo dos velhos paizes populosos da Europa, possam os governos custar assim a arranjar uma duzia de cidadãos dispostos a acceitar os encargos decorrentes do seu exercicio. A cousa ainda mais inexplicavel se nos afigura quando, por outro lado, attentamos no contraste que neste terreno offerecemos. Aqui, os embaraços a vencer neste terreno são exactamente os relativos á escolha dos nomes entre a infinidade dos candidatos que para tanto se apresentam.

Ao contrario do que acontece por lá, no Brasil, quem por ventura, não quer ser ministro? Dir-se-á que na differença dos regimens reside a explicação do caso. Mas, a esta razão se poderá oppôr o argumento do tempo em que praticavamos a monarchia constitucional, com os seus gabinetes rotativos e presos aos movimentos do Parlamento. Mesmo ahi, mal se derrubava um ministerio logo o outro apparecia com uma rapidez que nos dava a impressão por vezes de já estar de ha muito prompto... Os motivos não devem ser esses, portanto, que tenhamos, sendo menos cultos, maior numero de capazes? Não é provavel, pelo menos...

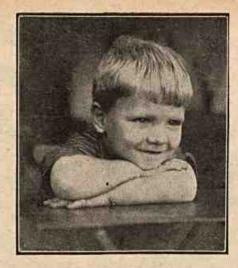
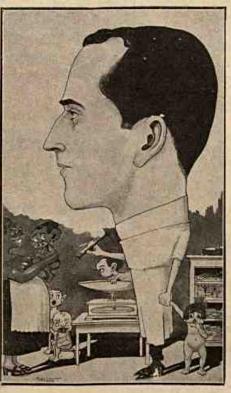
Resta examinar a hypothese da propria differença entre as administrações de lá e de cá, as primeiras accumuladas de problemas graves e complexos, emquanto que as segundas exoneradas até aqui de encargos maiores. Neste caso, porém, teriamos que considerar tambem a razão neutralizante das reservas de saber que a experiencia dos negocios apresenta a seu favor. E ficaremos desse modo, deante sempre de uma duvida, que só a consciencia de cada um poderia esclarecer...

A CERA MERCOLIZED REVELA A BELLEZA OCCULTA

Todas as senhoras podem livrar o seu rosto do feio aspecto, que lhe dá a pelle murcha, empregando, para tal, a Cera Pura Mercolized que se adquire em todas as pharmacias. Seguindo o tratamento indicado pelas instrucções a Cera Mercolized fará despredender a epiderme gasta e murcha, fazendo com esta desapparecerem todos os defeitos da face taes como sardas manchas, espinhas, etc. e assim a cutis recupera o delicado aspecto juvenil.

A nota do Cattete sobre o movimento de forças no paiz teve entre outras a virtude de esclarecer a situação dos quadros no Exercito. Até aqui elles só existiam em verdade no papel. Ahi, sim, as unidades figuravam por inteiro... Chegava-se desse modo a factos verdadeiramente irrisorios, como o de batalhões, regimentos, brigadas, sem soldados, nem officiaes! O governo pensou que pondo termo a esta situação seria alvo de aplausos... Enganou-se, no entretanto os patriotas que andam pelas esquinas da imprensa proromperam apenas em protestos ensurdecedores contra a providencia. Foi um deus nos acuda!

Só não chamaram o Sr. Washington Luis de liberal...

Agora, diga-nos cá o leitor á puridade: que a alteração pode merecer dos governantes uma gente desta ordem?

CREANÇAS MINEIRAS
Philippe Kemp
(Nova Lima)

O Dr. A. Marques de Souza, medico-pediatra muito conceituado em S. Sebastião do Paraiso e um dos chefes prestigiosos da Concentração Conservadora no Sul de Minas, onde é, talvez, o mais antigo propugnador da candidatura Julio Prestes á presidencia da Republica.

Francamente, vamos lá, diga! Da nossa parte, temos a impressão de que elles não fazem jús a nenhum...

Chromo

ROÇA. A noites é tristonha.
Não luz a lua singela,
Nem ha um riso de estrella.
A escuridão é medonha.

Uma garôta, risonha,
A Bé, que tambem é bella,
Alegremente, á janella,
Canta uma canção e sonha...

A' porta, "nhô"Quim, fumando,
Uma viola dedilhando,
C'os olhos no céo cravados,

Scisma... Lembra, com certeza,
Quando elle mais "nhá" Thereza
Eram jovens namorados...

J. GAMBA'

Em meiados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôar um desejo, um anseio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surpezas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas tudo, emfim, conterá o primoroso "Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

CALLOS

CALLOSIDADES E JOANETES

ESQUECIDOS NUM INSTANTE

Um minuto depois de applicar o emplastro Zino-pads do Dr. Scholl, V. S. se esquecerá de haver soffrido qualquer destes incommodos.

Vende-se em todas as Pharmacias Sapatarias do Brasil.

PREÇO *3$500*

Peçam amostras e o livrinho "Tratamento e cuidado dos Pés" do Dr. Scholl á

CIA. DR. SCHOLL S.A.
RUA OUVIDOR, 162 *RIO DE JANEIRO*

CAPEBENO

(INTRATO DE CAPEBA)

VANTAGENS:

Cholagogo de acção directa sobre o apparelho hepato-biliar. Dissolvente dos calculos biliares. Regulador das funcções hepaticas.

INDICAÇÕES:

Em todas as affecções hepato-biliares e perturbações intestinaes ligados ao máo funccionamento do figado.

DOSES:

1 colher de chá em um calice com agua ou leite duas ou tres vezes por dia.

GRANDES LABORATORIOS LEONCIO PINTO

Instituto Bio-Chimiotherapico sob a direcção do Dr. Leoncio Pinto, professor na Faculdade de Medicina.

L. PINTO & CIA.
Rua da Alegria (Castanheda), 23, 23ª, Rua do Castanheda, 2
— BAHIA —

ADEUS RUGAS!

3.000 DOLLARES DE PREMIOS SE ELLAS NÃO DESAPPARECEREM

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contêm drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se v. s. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote

Unicos cessionarios para a America do Sul: **ALVIM & FREITAS**. Rua Wenceslau Braz, 22-sob. — Caixa 1379 — **SÃO PAULO**

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — São Paulo.

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de 8$000 afim de que me seja enviado pelo correio um pote de RUGOL:

Nome. . . . .

Rua. . . . .

Cidade. . . . .

Estado. . . . . (O Malho)

PELO COMBUSTIVEL NACIONAL!

Temos aqui, repetida vezes, commentado o onus que pesa sobre a economia brasileira, desorganizando-lhe as finanças, com a importação cada dia maior de gazolina. O assumpto merece que ainda uma vez a elle voltemos, insistindo na necessidade, no imperativo moral que cabe ás nossas autoridades de animarem e protegerem os succedaneos nacionaes da gazolina estrangeira, como os derivados do alcool, até que as nossas jazidas petroliferas possam ser convenientemente exploradas.

Adduzir novos argumentos para justificar tal necessidade de assistencia aos combustiveis nacionaes, é chover no molhado.

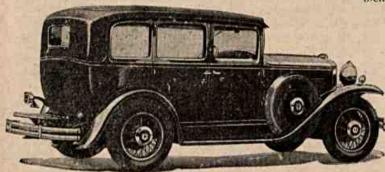
A gazolina estrangeira entra no nosso paiz contra a sahida do já minguado ouro brasileiro. E isto num augmento, de anno para anno, que torna dispensavel qualquer commentario ás cifras que abaixo publicamos e ha dias divulgadas pela "A Noite":

No periodo quinquenal de 1924 a 1928, importámos gazolina, na seguinte proporção:

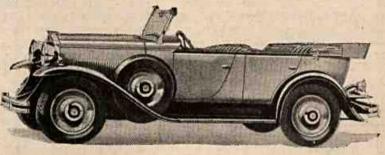
1924	89.303 toneladas
1925	143.318 "
1926	152.552 "
1927	201.242 "
1928	254.324 "

Para fazer essas toneladas de gazolina, remettemos para o exterior, em ouro:

1924	1.535.000 libras	(62.571:000$000)
1925	2.338.000 "	(93.513:000$000)
1926	2.404.000 "	(81.301:000$000)
1927	2.694.000 "	(110.724:000$000)
1928	2.882.000 "	(117.436:000$000)

Meditem sobre isto os financistas nacionaes!...

O novo modelo do "Hupmobile" sedan de 6 cylindros

O TRAFEGO DE OMNIBUS NA AVENIDA RIO BRANCO

O Rio de Janeiro sempre poude gabar-se de ser uma das cidades de peor serviço de trafego urbano. Não precisamos ir ao estrangeiro. São Paulo é uma cidade de pe-

O "Hupmobile" phaeton de 6 cylindros

quenissima extensão, comparada com a capital da Republica, que se estende numa area que, dizem os viajados, ser a maior occupada por uma cidade, em todo o mundo!

Deixemos, porém, de lado a possivel vaidade de alguns patriotas quererem que a Europa ainda uma vez se curve ante o Brasil...

A area occupada por São Paulo é muitissimo menor que a occupada pelo Rio. Junte-se a isto o testemunho das estatisticas, provando haver mais automoveis matriculados na Paulicéa do que aqui. Pois ainda assim os paulistas desfrutam as vantagens de um trafego que, não sendo de summa perfeição, seria para nós cariocas uma delicia.

Aggravando este nosso mal carioca, vieram os omnibus, ha cerca de tres annos, atravancando as ruas centraes da cidade, inclusive a Avenida Rio Branco, que se torna um verdadeiro desespero ter-se necessidade de tomar um automovel num caso de urgencia.

A imprensa se faz agora éco das queixas da população, exigindo a retirada dos omnibus da Avenida. O problema não parece offerecer outra solução. A's horas de maior transito naquella via central alinham-se dez e vinte omnibus, á espera que se abra o signal para sua passagem. Sendo o numero de omnibus excessivo, a cauda do alinhamento fica para além da rua anterior, cujo signal em sentido transversal fica "aberto"... mas atravancado pelos gigantes. Quando os omnibus se põem em marcha, o signal da rua transversal accende a luz vermelha, o que faz continuar a impossibilidade de transito das dezenas de carros já á espera ha dez e mais minutos!

A solução, pois não poderá ser outra que não a retirada dos omnibus da Avenida Rio Branco, para que, ao menos, possamos gosar o regimen do transito antigo... um pouco menos mal.

Musicas e Discos

OUVERTURE

"Com o objectivo de estimular, sempre e cada vez mais, o desenvolvimento da Musica Popular e caracteristicamente brasileira, a tradicional Casa Edison acaba de instituir um grande concurso, que constituirá fatalmente o maior successo no genero, visto que até agora nunca houve outro com proporções tão vultosas e em bases tão interessantes para os compositores e bem assim para o publico."

E' com estas palavras que a Casa Edison lança pela imprensa as condições de um torneio musical, destinado a escolher as melhores producções populares a fazerem época nos proximos folguedos carnavalescos.

Effectivamente, foge á regra commum o plesbicito em espectativa, como se póde verificar pelas suas bases recem-divulgadas.

A Casa Edison promette conceder cinco premios no valor total de dez contos de réis, assim distribuidos: — Para a musica, com a respectiva letra, que fôr classificada em 1° logar, cinco contos; para o 2° logar, tres contos; para o 3°, um conto; para o 4°, seiscentos mil réis; e para o 5°, quatrocentos mil réis.

São, como se vê, premios elevados e que despertarão, na certa, o desejo dos nossos musicistas em alcançal-os, não só porque representam uma recompensa material apreciavel, como porque essa recompensa seria secumdada por um triumpho artistico eloquente.

Nas condições e paragraphos concatenados pela Casa Edison, ao baixar o edital de regulamentação do concurso, ha a salientar o seguinte: — Quanto á extensão da musica torna-se absolutamente necessario que a sua execução, no seu andamento normal, incluindo a introducção e sendo cantada com letra completa, não exceda de tres minutos, que é o tempo maximo da execução de um disco por uma victrola; é expressamente prohibido aos artistas que figuram no elenco da Casa Edison como cantores, e bem assim aos musicos que fazem parte do seu quadro technico, como contractados ou como auxiliares, tomarem parte no concurso; e as musicas (com respectivas letras) que forem contempladas nas classificações constantes do plesbicito, ficarão sendo de exclusiva propriedade da Casa Edison, que dellas poderá fazer o uso que julgar conveniente, sem mais indemnizações aos seus autores que não sejam os premios já referidos.

Outras exigencias de caracter secumdario, como a da observancia do sigillo no pseudonimato e a do prévio entendimento entre os autores da musica e da letra, para que depois não surjam complicações, revelam o cuidado que presidiu a organização da interessante prova que vem de ser instituida pela popular editora de discos e impressos musicaes, que é a Casa Edison.

Applaudindo a sua iniciativa grandiosa e digna de ser imitada, *O Malho* se regosija, de antemão, pelo seu exito, e publica, para mais amplo conhecimento dos seus leitores e dos que se possam interessar pelo certamen, as clausulas e dispositivos em que o mesmo se estribará.

E' o que fazemos nas linhas adeantes.

* * *

DO GENERO DAS MUSICAS E LETRAS

"Só se acceitam para este concurso SAMBAS ou MARCHAS de caracter bem popular e com sabor carnavalesco, no genero das musicas do CARNAVAL CARIOCA. As letras devem ser graciosas, contendo uma idéa, com seu necessario encadeamento. No caso das letras escriptas em gyria, ou com orthographia viciada, ellas não poderão comportar erros de concordancia, de genero, etc., bem como terão de obedecer ao tratamento sempre na mesma pessoa.. Serão recusadas as letras que explorem assumptos politicos ou que plagiem assumptos já popularizados por outras canções anteriormente dadas á publicidade."

* * *

DO PRAZO PARA O CONCURSO

"O prazo para entrega dos originaes começará na data da primeira publicação das presentes bases pela imprensa e terminará impreterivelmente ás 6 horas da tarde do dia 31 de Dezembro deste anno."

* * *

DA COMMISSÃO JULGADORA

"A Commissão Julgadora compor-se-á de pessoas de reconhecida capacidade artistica, cujos nomes serão publicados por occasião do encerramento do concurso. A sua constituição será a seguinte: — tres musicos de renome; dois jornalistas de importantes orgãos da imprensa carioca; um poeta de nomeada, e um artista consagrado, do theatro ligeiro."

* * *

DO PROCESSO DO JULGAMENTO

"A Commissão Julgadora fará a selecção de 5 musicas que, de accordo com o seu criterio, sejam consideradas as melhores, tomando-se em consideração os seguintes factores, quer com relação á musica, quer com relação á letra: — Technica, Simplicidade, Originalidade e Belleza dos Motivos. Feita a escolha destas cinco musicas, todas ellas serão orchestradas por um só dos technicos da Casa Edison e ensaiadas tambem por um só dos artistas de maior renome do nosso elenco, afim de, com acompanhamento da nossa famosa orchestra "Pan-American", serem apresentadas ao publico, em um dos maores theatros, com entrada gratis. Feita a audição, os assistentes, que terão recebido cedulas na entrada do theatro, collocarão na com-

petente urna os seus votos, e feita a necessaria apuração, ter-se-á então a classificação da scinco musicas de accordo com o veridictum do publico. O local e o dia dessa audição serão annunciadas pela imprensa com a indispensavel antecedencia. Os envelloppes dos originaes classificados sómente serão abertos na occasião da apuração dos votos do publico. Os demais originaes não classificados ficarão á disposição dos seus donos no dia immediato, reservando-se a Casa Edison a faculdade de, extra-concurso, fazer contractos com os autores das muscas não classificadas, mas que possam, entretanto, interessar a casa para gravação em discos ou impressão em papel."

* * *

INFORMAÇÕES

"A luz do teu olhar", canção, de Carlos Almeida, e "O querido das mulheres", de J. Machado, perfazem o disco Columbia n. 5119-B. Ambas as peças foram cantadas por Errysthenes Pires.

— Um disco dedicado á colonia italiana domiciliada entre nós é o de n. 1605, da marca Odeon. Encerra "Giovinezza", hymno official do fascismo, e "Hymno de Garibaldi", outra canção patriotica da terra de Mussolini.

— Eduardo Souto, a cada composição nova que lança ao mercado, conquista mais um triumpho inappellavel. E' o que lhe vem acontecendo durante annos repetidos. O ultimo trabalho do festejado maestro para a Casa Edison, que tem, actualmente, a exclusividade das suas composições, é á toada sertaneja "Sarará", que Abigail Maia interpreta com muita propriedade e expressão. "Sarará" está impressa em disco Odeon n. 10.510, tendo no reverso a canção "Meu principe encantado", de Armando Angelo, com uns versos encantadores de Guilherme de Almeida, o grande poeta paulista.

— Os "Turunas da Mauricéa" continuam a ter os seus discos disputados pelo publico, o que justifica a ininterrupta gravação de novas chapas desse conjuncto pernambucano. Acabam de apparecer as de ns. 10.503 e 10.504, ambas Odeon, contendo "Minha viola é boa", samba, "Dolorosa saudade", valsa, "Roseira", samba, e "Trem passageiro", embolada, o primeiro e a ultima da autoria de Augusto Calheiros, e a segunda e o terceiro de Ratinho e J. Frazão. Cantou os estribilhos e as letras completas, o popular Calheiros.

— Mais um disco humoristico de Pinto Filho e Calazans, que resolveram juntar-se para dar cabo da tristeza nacional, essa doença para que os medicos ainda não encontraram remedio. Gravaram elles dois duetos — "Bonde de Alegria" e "Por conta do Bonifacio"— ambos extrahidos das revistas theatraes do mesmo nome. O numero da chapa é 13.068 e a marca Parlophon.

— "Seu Goyaz" e "Parayba", duas emboladas do maestro Henrique Vogeler, cantadas por Almirante com acompanhamento do "Bando de Tangarás", estão no disco Parlophon n. 13.063.

— Ainda Parlophon é o disco 13.067, que encerra o fado "Sonho de "seu" Joaquim", cantado tambem por Almirante, e "Salada", declamação comica, por João de Barros.

— Duas das celebres valsas de Chopin (op.64, n. 1, e op. 64, n. 2) estão gravadas em disco Polydor n. 22.120, executadas ao piano pelo virtuose allemão Michael von Zadora.

— Outro excellente disco Polydor:— "Tempo de Minueto", composição de Paganini, e "Melodia", de Gluck, ambas executadas pelo grande violinista Kreisler. Numero da chapa: 90.044.

— "Natal no Estrangeiro" (Weihnachten in der Freund) é um disco especialmente dedicado ás colonias allemãs ou austriacas entre nós domiciliadas. O tenor Richard Tauber, creador das operetas de Franz Lehar, canta uma partitura de um doce mysticismo, emquanto o declamador Karl Zander recita um texto, evocando a patria distante. Ha, ainda, o concurso de um orgão e de sinos, que formam a peça encantadora. O numero do disco que contém "Natal no Estrangeiro" é n. 1.609 e a marca é a celebre Odeon.

— Os trechos da opera "Nerone", de Arrigo Boito, o autor de "Mephistofeles", ainde não estão bastante divulgados, entre nós. Peça nova, sómente representada no Rio numa recente temporada lyrica do Municipal, não houve tempo para que essa divulgação se processasse. O publico, entretanto, poderá ir tomando conhecimento dessa notavel partitura através do phonographo.

A Columbia vem defazer gravar na sua chapa de n. N. D.-830 as seguintes passagens de "Nerone": "Come é buona" e "Sento che ascende", cantadas pelo barytono Ernesto Badine e pela meio soprano Lina Lanza.

CORRESPONDENCIA

Zaira (Rio) — A letra do "Canto de Amôr Pagão" (Pagan Love Song) no seu original inglez, é a seguinte:

"Come with me where moonbeams,
Light Tahitian skies,
And the starlit waters,
Linger in your eyes.
Native hills are calling
To them we belong.
And we'll cheer each other,
With a pagan love song."

Como vê, é apenas um ligeiro estribilho.

— *Cecy e Pery* (Fortaleza) — Aqui já cahiu da moda. Mas os numeros dos discos são 4231, chapa Brunswich, e 4275, da mesma marca. Não tem letra em portuguez.

Prestista (São Paulo) — Que deseja o illustre correligionario? Os "prestistas", aqui, dão ordens. Quer a letra da canção "Louise", que Maurice Chevalier canta no seu film de estréa — "Innocentes de Paris"? Com todo gosto. Ahi vae ella em inglez, porque cremos que não existe em portuguez nem mesmo em francez, pois Maurice cantou-a no idioma de Shakespeare:

"Every little breeze seems to whisper
Louise
The birds in the trees seem to twitter
Louise
Each little rose
Tells me it knows
I love you, love you,
Every little beat that I feel in my heart
Seems to repeat what I felt at the stall
Each little sigh tells me
That I adore you,
Louise
Just to see and hear you
Brings joy I never knew

Bust ot be so near you
Thrills me through and through
Anyone can ese why I wanted your kiss
It had to be, but the wonder is this
Can it be true
Some one like you
Would love me,
Louise."

Cabocla (?) — Tu qué tomá meu home" está gravado no disco Veroton n. 10.446 e, segundo cremos, todas as casas vendedoras de chapas o possuem.

TOM RÉO

BOM COMPRADOR

Certo dia Mark Twain entrou em uma livraria de Nova York para adquirir um volume de quatro dollares.

— Quatro dollares — disse — é o preço de venda para o publico em geral; mais como eu sou periodista, mereço um abatimento...

— Entendido — admittiu o livreiro.

— Permitta-me que lhe diga tambem que sou autor de varias novellas e que como profissional mereço certa bonificação...

— Perfeitamente.

— Devo dizer-lhe que sou accionista da casa, e que, de accôrdo com os estatutos, tenho um desconto de dez por cento sobre as compras...

— Nem mais, nem menos...

— Finalmente, me darei a conhecer... sou Mark Twain... tenho em conta, que vae me fazer uma notinha...

— Com o maior gôsto, maestro!

— Então... quanto lhe devo?

— Absolutamente nada, cavalheiro — concluiu o livreiro, com a maior serenidade do mundo — Eu é quem lhe devo um dollar... Se quizer passar lá por casa...

Trad. de — Jayme Cardoso

Um Escandalo

Continuam aparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria Gesteira* ou *Pharmacia Gesteira.*

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome *Gesteira*, para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias Gesteira* e *Drogarias Gesteira*, tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

Ella: — *Entre nós está tudo acabado.*
Elle: — *Espera, mulher. Ainda não acabei de jantar.*

O DECLINIO DOS SPORTS NAUTICOS NO RIO DE JANEIRO

Como Chocolate explica o facto. — Medidas suggeridas pelo famoso campeão de water-polo.

Embora nos custe ao patriotismo, ao amor das nossas coisas, não podemos fugir á amarga impressão que nos causa um confronto entre o estado actual dos sports nauticos no Brasil e o seu passado, cheio de phases gloriosas. Se houve progresso, este não corresponde á evolução verificada em outros centros. E' certo, porem, que pelo menos o **water-polo** sofreu sensivel declino. Isto nos entristece, tanto mais quanto se trata de um sport dos mais salutares e que entre nós se elevou a um respeitabilissimo grão de perfeição. O Brasil já foi uma verdadeira potencia em water-polo. Em tal época, talvez não existisse em parte alguma do mundo quem podesse competir com a tactica irreprehensivel dos brasileiros.

Quanto aos outros sports do mar — natação e remo — embora o nosso valor não fosse tão accentuado, ainda assim não encontravamos entre os vizinhos do continente quem nos exigisse esforço para a victoria. Eramos, então, senhores absolutos, pelo menos, na America do Sul, de todos os sports que se praticam no mar.

As competições latino-americanas que aqui se realizaram em 1922, por occasião das festas do centenario da nossa emancipação politica, offereceram-nos opportunidade para verificarmos a grande dianteira que, em taes sports, levavamos sobre os nossos irmãos. O facto, porem, serviu de ensinamento aos vencidos que, desde então, começaram, nos respectivos paizes, uma propaganda intelligente de aperfeiçoamento, cujos resultados ahi estão para provar a nossa inercia. Uma demonstração eloquente: Alberto Zorrilla.

Zorrilla, em 1922, revelando, embora, optimas qualidades, não poude correr com Jorge Mattos. O brasileiro venceu-o lisamente. Mas o argentino estava certo de possuir qualidades aproveitaveis. Foi aos Estados Unidos e ali, com os mestres, escoimou a jaça de sua technica. Hoje, é um dos maiores nadadores do mnndo, Campeão olympico dos 400 metros e sul-americano de 100, 200 metros e outras provas a que se dedica. Esteve ha pouco tempo, nesta capital e não mais encontrou adversario que o seguisse em difficuldades. Alem desse facto, chegam-nos constantemente noticias das bellas victorias verificadas nos campeonatos argentinos e dos melhoramentos effectuados pelos clubs daquelle paiz. São provas exhuberantes do alto nivel que a natação vae tomando na Argentina.

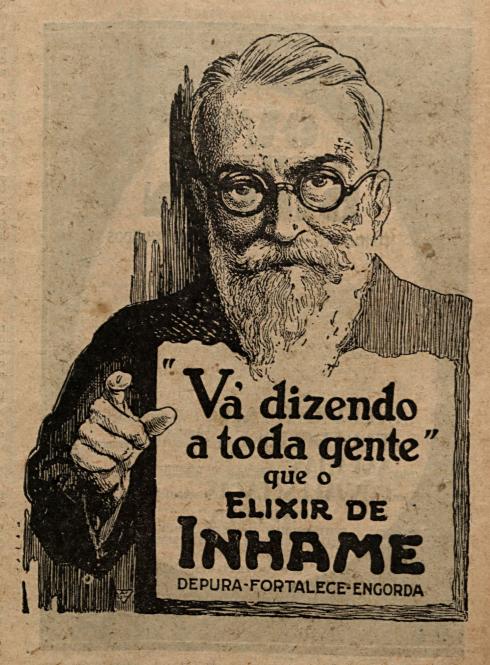
O **water-polo**, perde, entre nós, quasi todo o enthusiasmo. As provas de campeonato regional já não despartam o interesse. Emquanto ao remo, não estamos tambem, relativamente, na mesma altura de outros tempos. As ultimas regatas internacionaes realizadas no rio Tigre, a que comparecemos com os melhores elementos que possuimos, provaram, pelo menos, que na Argentina se cuida seriamente daquelle sport...

AS RAZÕES DO DECLINIO

Demonstrado fartamente o declinio dos sports nauticos, resta procurar-se uma explicação para o facto. O Sr. Victorino Ramos Fernandes, o famoso "Chocolate", é pessoa autorizadissima para falar sobre tal assumpto. Um dos mais completos jogadores de **water-polo** que possuimos, campeão da cidade, "foul-back" do "team" que reprensentou o Brasil em Antuerpia, ex-director de natação do Club de Natação e Regatas, actual membro da commissão technica de **water-polo** da Confederação Brasileira de Desportos, Chocolate possue conhecimentos completos de tudo o que se prende á situação dos sports de mar no nosso paiz. Elle fez especialmente para **O MALHO** interessante declarações a respeito.

O grande campeão começou referindo-se aos primeiros passos do **water-polo** no Rio de Janeiro.

"O primeiro **match** aqui realizado, de caracter amistoso, foi entre o Club de Natação e Regatas e o Club de Regatas do Flamengo, cujo resultado, aliás, constituiu extraordinaria surpresa, por-

que o Flamengo, apesar do adversario contar com um conjuncto muito mais forte, venceu. Nesse mesmo anno, 1913, foi organizado o campeonato official, que o Natação venceu sem uma derrota. O team do campeão estava, então, constituido do seguinte modo: Paulo Pinto; João Zagary e Alcindo Muri; Abrahão Salituri, João Jorio, Angelo Gamuaro (o Angelú) e Moriza. Esses foram verdadeiros mestres do sport. Estabeleceram o enthusiasmo pela sua pratica entre nós. Fomos progredindo cada vez mais, até que em 1917 attingiamos a um gráo de perfeição notabilissimo Eu — disse Chocolate — que quasi não sabia nada quando aqui se lançou o magnifico jogo, fui, tambem seduzido pelos seus attrativos. E com tanto esforço me dediquei a elle, que pouco tempo depois estreava marcando, por signal, o terrivel João Jorio do qual por causa do meu enthusiasmo de assistente, recebera, certa vez, uma reprehensão que me deixara emcabulado...

— Assim — disse eu ao querido Chocolate — você acha que o water-polo teve melhores épocas?

— Sem duvida — respondeu. — Nossa situação já foi muito melhor. O apogeu do salutar sport durou até 1920.

— Dahi para cá vem declinando?

Depois de um segundo de hesitação, com um sorriso:

— Infelizmente não se póde negar Chocolate passou, em seguida, a falar sobre a figura do Brasil nas olympiadas de Antuerpia.

"Nós não vencemos na Belgica devido apenas a varias circunstancias que nos foram adversas. A começar pela alimentoção, que, alem de não ser aconselhavel a athletas, era de paladar desagradavel. Quem nol-a fornecia era o Comité Olympico. E nós, julgando tratar-se de uma gentileza do paiz, cujo soberano nos visitava na occasião, não reclamámos. Entretanto tivemos depois de pagar um dinheirão pelas batatas cosidas que nos mandavam... Alem disto, estranhámos a agua, que se mantinha :. tres gráos abaixo de zero, como depois nos informaram. Assim mesmo, num arranco de energia, vencemos os francezes, como benceriamos os suecos se tivessemos jogado primeiro com elles. No segundo jogo, qualquer que fosse o nosso adversario, tern-os-ia vencido.

— Mas com essa viagem a nossa turma não adquiriu novos conhecimentos?

— Na Europa, meu caro, joga-se um woter-polo violento, cheio de trucs, que influem a sua pratica e a torna perigosa para os contendores. Nós, que até então, praticavamos um water-polo limpo, leal, bello de verdade, começámos dahi por deante a usar os mesmos processos dos europeus. Hoje, esse sport não é o mesmo de outros tempos...

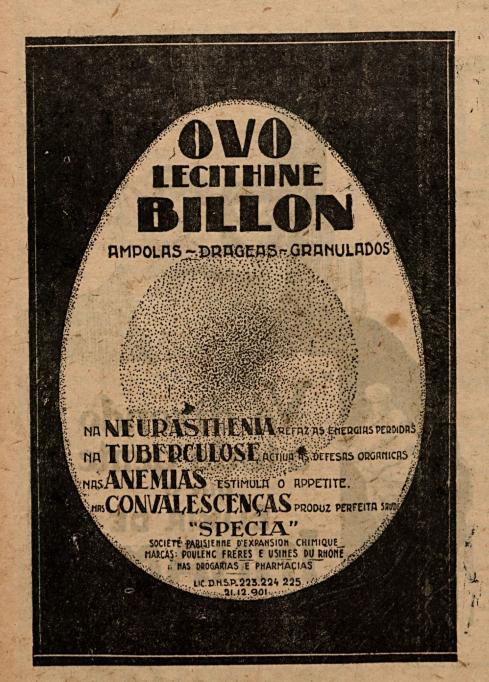
— Esse facto, talvez explique o declinio.

— Tambem o local em que se realizaram as provas de campeonato — na lagoa Rodrigues de Freitas — é muito longe. Eu desisti de assistil-as devido á distancia a percorrer. Alem disto, meu amigo, a falta de criterio de alguns juizes contribue muito para arrefecer o enthusiasmo. Esses que não alcançam a nobreza da propria missão, aproveitam-se da autoridade que lhe confiam para fins indignos. E'-lhes indiferente o brilho da luta, pois não se pejam de sacrifical-o com as perseguições pessoaes, ou torcendo a victoria para os clubs de sua sympathia...

A NATAÇÃO

Quanto á natação, disse Chocolate, seu progresso no Brasil depende da situação de dois problemas conhecidissimos: piscinas e technicos. Sem isto nada se póde conseguir de proveitoso. A agua do mar não deixa ver os movimentos do nadador e, por isso, não é possivel corrigir-se os defeitos. Só se aprende a nadar em agua clara, crystalina e esta só em boas piscinas. Alem disto, precisamos de technicos que nos ensinem os aperfeiçoamentos da natação.

"Vem-se verificando, agora, um movimento muito promettedor no Brasil, cujos resultados, porém, só dentro de alguns annos poderão apparecer. Os novos processos só podem servir aos novos nadadores. Os velhos, estes, cheios de defeitos como estão, nunca mais alcançarão resultados de grande monta. Páo que nesce torto não endireita mais...

"Em Buenos Aires ha, por exemplo, a piscina da Associação Christã de Moços, que é optima. Dahi têm sahido nadadores de primeira ordem, como o famoso Zorrilla. A mesma associação aqui do Rio acaba, tambem, de construir uma piscina, de que se póde esperar muito. Vae dar grande incremento á natação. Por sua vez, o Club de Regatas Botafogo tambem se prepara para a construcção de uma, cujo projecto está em estudos com o architecto constructor A. Memoria, antigo socio daquelle club. Dizem que

a piscina do Paulistano é muito boa. E agora, já que falamos em coisa paulistas, elles vão fazer surpresas no proximo campeonato brasileiro. Possuem elementos de grande valor.

"Quem deu grande impulso á natação aqui no Rio foi Alcides Paiva, meu companheiro no conjunto que jogou em Antuerpia.

E' justo que se saliente isto: Alcides, na Europa, tomou algumas lições com um "amador", ao qual pagou e muito bem!.. Aqui chegando, Alcides distribuiu os seus novos conhecimentos, que até hoje se praticam.

O REMO

Quando tocámos esse assumpto, Chocolate foi logo dizendo que não era remador. Instado, porem, declarou que possuimos grandes remadores.

"Estamos em condições de não fazer má figura numa competição internacional. Temos gente de valor.

— Mas as ultimas regatas do rio Tigre...

— Eu não sei se os argentinos serão capazes de repetir aqui o que fizeram lá. Não me metto na parte technica, e acredito mesmo, que elles não sejam melhores remadores que os brasileiros. Dizem que ha certa differença entre a remada delles e a nossa. Qual será a mais difficiente? Não seria difficil estudar-se o caso para, então, empregarmos o melhor processo. Tudo evolue. O remo tambem deve ter sido apefreiçoado em outros centros sportivos.

Confidencia

Nhô cumpade ieu ando triste
Cumo as noite sem luá.
Pois nesta minh'arma onziste
Ua dô que não tem pá.

Se casá co'a minha Dicta,
O nhô Bento não qué mais
Pramordo do nhô Thomais
— Home de lingua mardita

Que só vêve de intrigá,
Cum grande descaramento,
Fazendo os amô brigá,
Trapaiando os casamento.

Pramorde o quê, nhô cumpade,
Enziste em tudos logá,
Uns home co'essa mardade
De todas coisas estragá?

A porve da minha Dicta
Que tava sempre a cantá,
Agora tá tuda affricta
E só vêve de chorá.

Ieu tô cum medo, cumpade,
Da minha fia perdê —
As minha filicidade
Tá cum geito de morrê.

Mecê sabe, nhô cumpade,
Cumo é triste se perdê
As fia na frô da idade...
Ai que dô!... ai que soffrê!

— Mai, nhô cumpade Fermino,
E' perciso consolá...
Ninguem póde co destino...
Isso logo ha de passá.

— Tarveis mecê tem rezão...
Porém, se Dicta morrê...
As coisa não fica bão
E quem fô vivo ha de vê!

HORACIO DE SOUZA COUTINHO

Suzano, 1929

Cura agradavel das azias

"SAL DE FRUCTA" ENO "FRUIT SALT"

MARCA REGISTRADA

"Sal de Fructa" ENO é uma bebida refrescante e um laxante benigno, de effeito positivo, gosando, por isso, de merecida fama universal.

Agentes exclusivos:
HAROLD F. RITCHIE & CO., INC.
Nova York Toronto Sydney

Xarope Phenicado de Vial

Destróe os microbios ou germens das molestias de peito e constitúe um medicamento infallivel contra as Tosses, Catarrhos, Bronchites, Grippe, Rouquidão et Influenza.

Deposito: 8, r. Vivienne e nas principaes Pharmacias.

VINHO E XAROPE DE DUSART

de Lactophosphato de Cal

O XAROPE DE DUSART é réceitado a todas as amas de leite durante a criação, ás criancas para fortalecê-las e desenvolvê-las, assim como O VINHO DE DUSART é réceitado para a Anemia, cores pallidas das donzellas, e ás mãis durante a gravidez.

PARIS, 8, rue Vivienne e em todas as pharmacias

REVISTAS ESTRANGEIRAS

EMPORIOM — Revista mensal, illustrada, de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.
VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.
MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.
L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.
REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.
LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mechanicas.
LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romance, artigos de jornalistas illustres.
CINE - MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.
LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.
HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pittoresca e autorizada, relação de cada uma das nacões dos tempos mais remotos aos nossos dias.
GUTIERREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.
EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.
MACACO — Jornal das crianças, contos infantis, pintura.
NUEVO MUNDO — Revista semanal, hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.
MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.
LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.
ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.
MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.
CINE MUNDIAL — A rainha e mais completa das revistas cinematographicas.
PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.
EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.
PLUS ULTRA — A revista da moda, sports, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

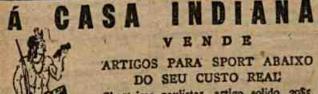
1419

23

NOVEMBRO

1929

6º TORNEIO

NOVEMBRO A DEZEMBRO

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO, DEVE SER ENDERÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDIR, 21

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO É CHARADA

TAÇA "MARIA-FLOR" 2ª SERIE

Dentro de pouco menos de dois e meio mezes estará encerrado o prazo para o recebimento dos trabalhos destinados á 2ª serie do Torneio *Taça "Maria-Flôr"*.

Nessa mesma occasião terminará tambem o prazo para as inscripções novas e confirmação das já feitas na 1ª serie.

Não se esqueçam os interessados dessas duas recommendações, pois do cumprimento exacto dellas depende, em grande parte, o successo da tarefa a nós commettida nessa tão importante prova, que continúa despetrando o mais vivo interesse nas rodas charadisticas d'aqui e de Portugal. E não é só o interesse; o *appetite* tambem, porque quem é que não deseja vêr figurando, em seu gabinete de leitura, uma taça de valôr e estylo admiraveis, como é a taça *"Maria-Flôr"*, instituida pelo eminente charadista *Chantecler*?

Quem não se orgulhará de conservar, em lugar de destaque, um objecto, assim, a lembrar sempre uma victoria obtida a custa de lances, de subtileza mental, de uma vasta mésse de sagacidade e de esforços extraordinarios no dominio do espirito?

Aquella taça será um trophéu que eternizará o triumpho reconhecido de um batalhador de Œdipo numa luta, digamos, de gigantes, onde não sabemos o que mais admirar, se a majestade da acção, se os golpes de intelligencia dos legionarios nella empenhados.

O plano estabelecido para a 1ª, vigorará tambem na proxima 2ª serie, com as ligeiras modificações assignaladas no correr deste artigo. Isto quer dizer que as especies charadisticas admittidas serão: as *charadas novissimas* e *antigas*, *enigmas charadisticos* e *pittorescos* e *logogryphos*, tudo confeccionado pelo Simões da Fonseca (edição pequena), Fonseca & Roquette (os 2 volumes), A. M. de Souza (Diccionario do Charadista), Silva Bandeira (Diccionarios de Synonymos), Chompré (Fabula), Candido de Figueiredo (edição reduzida), Candelaria (Calepino Charadistico).

O prazo para o recebimento dos trabalhos e das inscripções, como já dissemos mais atraz, expirará, fatalmente; a 1 de Fevereiro de 1930, isto é, nessa data deverão estar aqui trabalhos e inscripções, porque nós precisamos de alguma antecedencia para estudar e seleccionar os primeiros e para o calculo da quantidade de problemas de cada Estado a publicar, calculo que está sempre dependendo do numero das inscripções feitas.

Os originaes do primeiro numero da 2ª serie da Taça, a sahir n'*O Malho*, de 1 Março de 1930, deverão ser entregues por nós á composição no dia 19 de Fevereiro, do mesmo anno. Não teremos, portanto, tres semanas para verificação de todos os trabalhos remettidos e para os demais serviços (preparo, coordenação, etc. dos originaes).

Veem os confrades por que fazemos questão de que o prazo fixado não seja excedido.

Da mesma fórma que na primeira, na segunda serie, o calculo da media de publicação de trabalhos será feito pelo numero de Estados concurrentes. Recebidas as inscripções, verificaremos quaes as Regiões que vão comparecer; contaremos os trabalhos recebidos, mas só os que estiverem certos e dentro da orientação por nós determinada; tomaremos em consideração a quantidade de producções que poderá comportar o espaço de que dispomos para este *Album de Œdipo* e dividil-a-emos pelo numero dos Estados presentes. O quociente representará a média total dos trabalhos com que cada Região inscripta figurará no certame.

Se uma Região não tiver o numero de trabalhos sufficientes para completar a média estabelecida, juntaremos duas ou mais para esse fim. No caso de ainda não ser ella desta vez attingida, entraremos, então, com trabalhos nossos.

Não vejam os leitores um contrasenso no nosso modo de proceder, determinando, a principio, a média, segundo cada Região isolada e juntando depois duas ou mais para completar essa média.

Trata-se de medida de emergencia, que só será executada, se a principal disposição não fôr preenchida. Depois, a Região que se não apresentar com um bom numero de concurrentes, dará mais uma prova de desinteresse pelo charadismo. Assim como não deu o seu contingente para mais uma vez manter a energia precisa para mover o machinismo da Arte, é natural que não queira para si as mesmas regalias, que os outros que procederam de modo diverso.

Havendo empate entre os vencedores do 1º e 2º premios, isto é, da Taça e do retrato, o desempate se fará com trabalhos fornecidos pelos proprios empatados, cabendo a nós, sómente, apurar os pontos.

Na determinação da quantidade de trabalhos para o desempate, seguiremos ainda o criterio regional e não o pessoal, isto é, estabeleceremos uma quantidade só para cada Região empatada.

O grypho sempre será obrigatorio em todas as especies admittidas, salvo nos pittorescos porque isso não comportam, devendo os conceitos serem, *vigorosamente*, verificaveis nos diccionarios adoptados, ficando o autor obrigado a escrever no fim do trabalho a pagina e o livro, em que poderão ser encontrados.

Cada concurrente fica aprazado para enviar, no minimo, 6 trabalhos. Desejariamos que um desses trabalhos fosse logogrypho. Entretanto se alguem achar que deve mandar mais do que a quantidade pedida, poderá fazêl-o, pois de forma alguma os perderá, porque serão aproveitados nos torneios communs.

Os enigmas deverão conter entrecho charadistico, tal como acontece com os do *O Charadista* (orgam official da Tertulia Edipica), da Fritura de Miólos (secção charadistica da A. B. C., de Lisbôa), do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, e de outras publicações. Aquelles, porém, que forem compostos com combinações monotonas de syllabas e letras (a segunda com terceira, mais a quarta com primeira e segunda da terceira... etc.) sem que haja um entrecho por onde se possa apanhar o sentido charadistico da producção, aquelles, dizemos, serão postos á margem. Bom será que tornem a lêr o artigo — *Modificações nos nossos enigmas charadisticos* — publicado n'*O Malho*, 1417, de 9 do corrente, pagina 46. Alli se acha contido e explicado o nosso vêr a respeito dos enigmas charadisticos.

Cada concurrente é obrigado a explicar, no fim do enigma de sua autoria, o entrecho charadistico que lhe arranjou.

Repetimos mais uma vez: o facto de ter perdido ou deixado de concorrer á 1ª serie, não quer dizer que o charadista fique inhibido de ganhar a Taça, não; elle bem poderá conquistal-a ainda, pois o que venceu a 1ª, poderá perder a 2ª, e só a levará, definitivamente, quem levantar 3 series consecutivas.

Se um charadista ganhar a 1ª serie e perder a 2ª, perderá tambem o ponto conquistado, sendo a sua contagem nova, para o effeito das tres consecutivas, feita de outra serie que vencer em diante.

Se alguem tiver enigma pittoresco a remetter e que careça de ser desenhado, que o faça com bastante antecedencia e com os dados bem esclarecidos, para que tenhamos tempo de mandar executar o trabalho (sem desprezo para o autor) pelo profissional da casa. Estão neste caso tambem os já promptos para a publicação, pois poder-se-á dar o caso de não estarem de accordo com a nossa orientação.

Continuarão em vigor todas as regras estabelecidas para a 1ª serie e que não contrariarem os dispositivos do presente artigo.

6º TORNEIO DE 1929

TORNEIOS SEM GRYPHO OBRIGATORIO

Premios para 1º e 2º logares

CHARADAS NOVISSIMAS 46 A 50

(Ao Razolas)

1—1—Haverá alguem que se habilite no amôr.

Datrinde (A. B. C. — Bahia)

2—1—O marujo dirige bem a faxina, sob pena de ser enforcado no cabo nautico proprio para reboque.

Dapera (do Bloco dos Fidalgos, Santos).

3—1—Si a barra do oleo está fresca, compra um guarda-pó para não ficares com a roupa suja.

Diana (Bloco dos Fidalgos, Santos)

2—2—Que este homem é piedoso e sabio, eu vos afianço; vêde seu modo *generoso* de agir.

Etienne Dolet (Bloco dos Fidalgos, Santos)

4—1—2—Quem põe termo á vida, entrega a alma ao demo com provas certas.

Frei Paulino (Juiz de Fóra, Minas)

ENIGMAS CHARADISTICOS 51 A 53

E' *despedir*, sem mais queixa,
Seu criado, e com razão,
Ao contrario, elle lhe deixa
Mancha na reputação!

Chantecler (Da A. B. C. — Bahia)

Preparei anel de corda,
Qual central e derradeira;
Com elle amarrei o peixe,
Que está em fim e primeira.
Seguerei-o pelo rabo:
E delle pude dar Cabo.

João da Roça (Nazareth)

Emprestava o Salazar
Quarta e fim d'esta salsada
a um seu velho camarada
que não quiz lh'as entregar,
após muito tempo estar
com ellas em seu poder.
Fizeram tal discussão
Na prima e duas invertidas
que rolaram pelo chão,
pegados. *Briga* renhida
que resultou muito mal
p'ra o Salazar, pois, ferido
foi em segunda e terceira
e tambem na quarta parte
por seu adversario, o Marte.

Jovaniro (A. C. L. B. — Nazareth)

CHARADAS ANTIGAS 54 A 57

O senhor não faz boa troca;—3
Não fique assim tão contente
Nota de grande valor—1
E' o dinheiro da vertente.

Dama Verde (Bahia)

(*Ao Arthano*)
Apesar do meu cuidado,—3
Com pena de te amolar,—1
Vendo esse osso bem damnado,
Irritado has de ficar.

Barbazul (S. Paulo)

Enche de cores diversas—3
Para agradar ao Geraldo,
Quando se traja de luto—1
Com chapéo sarapintado.

Aventureiro (Bahia)

Pois bem; já que eu não sou aquelle mesmo dantes,
Aquelle mesmo poeta a quem prender fingias,—1
Que seja este soneto os ultimos descantes
De minha alma feliz e pura de outros dias.

Que seja este meu canto os derradeiros guantes
Do mal fingido amor a que hontem me prendias,
E delle desabroche, em gottas scintillantes,
á castalia de luz das minhas phantasias!

Que importa seres bella! A mim que importa a graça
Do teu corpo banhado em ondas de perfume,
Se toda essa belleza a ingratidão devassa?!

Não mais um verso meu! Não mais! Por Deus te juro,—1
Que o meu verso, bem sei, de ha muito não resume
A grandeza pagã do meu amor tão puro.

Pizarro (Aracaju' Sergipe)

LOGOGRYPHO 58 E 59

Ao homem ruivo (diz antigo adagio),—10, —4—2—13—6—15
E á mulher que é barbuda,—7—5—11—3 —14—18
De longe se os saúda,
Procurando evitar o seu contagio.

E se é voraz o mal,—12—15—9—8—4
Afim de que não cresça,
Devemol-o cortar pela cabeça,
Diz um outro rifão tambem, tal qual.

Sendo o meu travesseiro,
(Como reza outra maxima acertada,)
O melhor conselheiro,
Jámais dormi sem a minha almofada.— 2—10—12—1—6—13

E, terminando, aqui, volto ao proscenio
Do proemio:
Se, para uma pedra, um ferro;
Para mulher má, (si não erro,
Como premio,)
Um homem que tem máu genio.

Lago (Bloco dos Fidalgos — Santos)

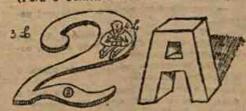
Era moça, era bella
A mulher que me logrou,—3—5—11—13—6
Pois numa historia singela
Um bonde a mim me passou.
Permitti, senhor, disse ella, —2—8—11— 7—5
Que vos indague onde estou?
Pois deixei a Gabriela
Na cidade onde ficou;—9—3—12—1—10

Sou mulher, sou descuidada—4—10—6—9 —13
Tenho medo que alguem tente...
Nada entendi da coitada...

Tive pena... E contente
A levei. Mas caçoada
Faz agora muita gente.

Mr. Trinquesse (S. Paulo)

ENIGMA PITTORESCO 60

(*Para o Torneio sem Grypho*)

Paulo Martins (Jacarehy)

Prazos: Os mesmos do Torneio "Animação"

TORNEIO ANIMAÇÃO

Premios para 1º, 2º e 3º logares

CHARADAS NOVISSIMAS 46 A 53

A' Zelina

2—2—Procura um *elegante marido* e que seja um *homem nobre*.

Barbazul (S. Paulo)

2—2—Um *macaco immediatamente* entrou em *scena*.

1—2—A *pedra* que tomava todo *taboleiro de terra* pertencia á *dona do moinho*.

1—2—Até na *base* da montanha ouviu-se a *voz de enxotar aves* do *inexperiente*.

2—1—Eis um *trabalho* que não causa *pena* ao *artifice*.

2—1—2—Junto a um *vulcão do Perú*, por causa de uma *divindade chineza* que diziam atada a uma *corrente*, houve grande *confusão*.

1—2—Para *mais de nove*, digo de *coração*, só tenho *desprezo*.

2—2—*Fite* os olhos na *mulher* que traz a *flôr*.

ENIGMAS CHARADISTICOS 54 E 55

(*Aos que principiam*)
Um cão lá no fundo da matta,
Qual um galgo muito esgulo,
Seguia na cavalgada
Junto a seu dono, um *vadio*.

Jovamiro (Nazareth)

— Eu vi o Pedro rasgar-te
Essa roupa que trazias.
Não gostei, digo-te á parte,
Em vez de punir, tu rias...
— Mas que fazer, meu amigo,
Em tão triste conjuntura?!...
Eu nada tinha comsigo...
Não é justa essa censura!...
— Tinhas sim, amigo Sá,
Nos teus lados um bom caco
Com que podias quiçá
Fazer chorar o velhaco,
Que te causou este estrago
Duma fórma descabida!...
Sabetudo estavas pago
Da offensa tal recebida.

CHARADAS ANTIGAS 56 A 59

Toda vez que elle *remette*—2
Um *porco*, ainda varão,—1
E' cousa certa promette
Logo uma *procuração*.

Almiscareiro ordinario,—2
Desses que têm muita astucia,
Olham para o Macario
A vender *couro da Russia*.

Não fica bem esta *barro*
Som vermelhante envoltorio;
Animal, esta almanjarra
Só mesmo num *dormitorio*.

— Eu não posso ir á *cidade*—2
Com a prima Soledade
E nem com você, Camilla;
O *sol* está muito quente,—2
Dizia o doutor Clemente:
Vocês querem ir á *villa*?

Tieno

LOGOGRYPHO 60

Sahiu uma boa espiga
O tal *rapaz* do estribilho!...—2—6—5—6
Outro dia, numa briga,
Jogou no *pégo* meu filho!...—3—6—5—6
— Sáe d'aqui, seu come-urtiga!
Regêlo este peralvilho—2—1—5—6
Pelo que ostenta de intriga,
Por isso rogo, Castilho,—3—4—5—6
Faça-o sahir de barriga,
Livra-me desse *empecilho!*

PRAZO

Terminação: a 7, 12, 18, 20, 22 e 27 de Dezembro proximo. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o ter-

ceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parabyba até o Piauhy e bem assim os de Matto Grosso; o sexto aos restantes e aos de Portugal, sendo que, de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos marcados mais acima, serão acceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

BIBLIOTHECA DO ALBUM DE ŒDIPO

O nº 484, de 24 do mez findo, da A. B. C., de Lisbôa, acha-se sobre a nossa mesa de trabalho. Agradecemos.

TAÇA "MARIA-FLÔR"

Além das listas, relativas a 1ª serie, já accusadas, devem figurar tambem as de Alvasco, Jovaniro, Violeta; Nemus; Nulus e Thalia.

Violeta remetteu trabalhos para a 2ª serie proxima a ser realizada.

TAPEAÇÕES

Santos, 8 — 9 — 929

MARECHAL

Hontem, aproveitando a folga que me foi dada pelo patrão, ranzinza como todo neurasthenico, abalei para a *Paulicéa*, ávido por vêr a grande parada de demonstração de cultura physica.

Lá chegando, sentindo a barriga a "dar horas", procurei, no Correio, o *Jubanidro*; certo de ser convidado para a "bóia". Amarga desillusão causticou-me ainda mais o estomago.

No meio daquelle "bandão" de gente, por mais que pulasse, por mais que coaxasse, ninguem me via, nem me ouvia.

Pensei, então, de mim para mim: — quanto é triste um "homem" ser sapo! Além de outras desvantagens, em comparação com o verdadeiro animal racional, o pobre batrachio póde ser pisado por algum *zebú*...

Desconhecendo a grande *urbs*, na eminencia de ficar em jejum, embarafustei-me pelo primeiro *boteco* que encontrei (como diz o *Orbirio Gama*), para matar... a fome.

Estava consultando o soberbo *menú*, quando chegaram-me aos ouvidos as seguintes palavras:

— Olha, quem está lá! O *Olho Vivo*, em carne, pelle e osso.

Era o meu amigo *K. Penga*, refestelado noutra mesa, ao lado de um senhor gordo, baixo, bigodes á americana, que assim falava.

Não é preciso pôr na carta que formamos, desde logo, uma trindade... bisbilhoteira.

— O nosso amigo *Bisbilhoteiro*, que tanto desejamos conhecer.

— O ex-incognito *Olho Vivo*, que tem trazido os confrades santistas de canto chorado

— Muita honra em conhecel-o.

— A honra é toda minha, cavalheiro.

— Afinal, disse-me o *K. Penga*, que foi que o trouxe á terra do *Mr. Tringuesse*?

Ah, já sei, a grande parada de hoje, não é verdade?

— Sim. Quiz de uma cajadada matar dois coelhos: assistir o cortejo dos athletas e colher algumas informações sobre a *L. C. P.*

Já fui ao Correio, á cata do *Jubanidro*, que poderia revelar-me algum segredo, mas, infelizmente, não pude vel-o. Aquillo parecia um formigueiro...

— Ora, meu amigo, estou ao teu dispôr, para informar-te algo... Conto com a tua proverbial discreção.

— *K. Penga*, muito mau juizo fazes de mim, perante o nosso amigo *Bisbilhoteiro*!...

— E' que, tu sabes, o *Marechal* é teu amigo e eu não quero...

— Desembucha, homem, pois, saberemos guardar sigillo, não é assim, *seu Bisbilhoteiro*?

— Perfeitamente!

E o nosso amigo *K. Penga*, com um risinho amarello a brincar-lhe nos labios, desfiou o rosario: — a *Liga*, após tão brilhantemente ter demonstrado o valor de seus componentes, "dando na cabeça" de muitos "bichos", levantando innumeras victorias nas pugnas valorosas do Pansophismo; ter espalhado pelas columnas d'*O Enigma* as abalisadas opiniões de seus redactores, que se bateram como leões pela morte do *grypho*; ter lançado a idéa de um Congresso Charadistico, para a unificação das regras de nossa Arte; afinal, é... um caso perdido.

— Que me estás dizendo?

— A pura verdade. A *Liga*, meu amigo, "desligou-se". Mas, isto, não é para se estranhar, porque a "defunta"... (e o *K. Penga* cahiu num pranto convulso) de liga só tinha o cadarço elastico e a fivella. Apertava um pouco, isto é, deixava em apertúras" os seus membros, que disputavam torneios...

— Não te comprehendo.

— Torrada "panellinha", os torresmos se esturricavam...

— Eu ignorava esse particular.

(O *Bisbilhoteiro*, que prestava attenção, abriu uma bocca deste tamanho, num *oh!* tão grande que, de quebrada em quebrada, pela serra de Paranápiacaba abaixo, foi perder-se na praia do *José Menino*.)

— E que fim levaram o *Anchieta*, o *Antonio Olyntho*, o *Formiguinha* e outros paredros?

— Naturalmente, vendo a "coisa mal parada..."

— E' que elles bem conheciam *Eu sou fantoche, Chispa, Pipoqueiro do Braz* e outros tantos "ligueiros..."

(Não sei porque motivo, neste ponto, o *Bisbilhoteiro* desmaiou.)

Corri á pharmacia mais proxima e, dahi a duas horas o nosso desmaiado voltava a si, sob a acção do ether.)

E, como fosse a hora da partida, abalei para cá.

Olho Vivo

CORRESPONDENCIA

Barbazul (S. Paulo) — Já temos dito, e mais de uma vez, que toda especie charadistica, destinada á publicação neste semanario, deverá vir em papel separado, no entanto o distincto confrade, desta vez, remeteu uma antiga encravada em chamadas novissimas. Mais ainda: a dita antiga veio sem assignatura e sem declaração do logar de origem, como já temos determinado. Veja se consegue levar na devida conta isso que lhe repetimos.

Zé Sabe Nada (Barra do Pirahy) — Inscripto. Sua ficha charadistica recebeu o numero 147.

Valete de Espada (Raposos, Minas) — Isto, gostamos de ver... Quem é charadista, o é com grypho, sem grypho; com as commas ou sem ellas. Folgamos muito em vê-lo quasi restabelecido do mal que o prostou na cama durante mais de um mez.

Mr. Trinquesse (S. Paulo) — Barbazul, idem Valete de Espadas (Raposos) — Pedro K. (Itabapoana), Altivo Trindade (Pombal), Dr. Anquinha, Pompeu Junior (S. Paulo), Dapera (129 a 131), Julião Riminot (132), Etienne Dolet (127 e 128), Diana (125 e 126), todos quatro do Bloco dos Fidalgos, de Santos) — Recebidos os trabalhos.

Kanja (Bello Horizonte) — Não ha duvida, póde collavorar, mas é mistér que envie antes a respectiva ficha charadistica com o retrato, conforme pede o regulamento publicado, ainda mais uma vez, no *O Malho*, de 2 do corrente.

A. Carneiro (Capital) — Desejamos conhecêl-o pessoalmente; marque hora e dia (segundas, quartas e sextas), aqui na Redacção, mas com antecedencia de 48 horas pelo menos. Tambem a ficha charadistica necessaria, como dizemos mais acima a *Kanja*.

Bisilva (Villa Velha) — Scientes de que é socio da A. C. L. B.

ERRATA

Do nº 1418.

Decifradores do nº 1409: o Bloco dos Fidalgos deve figurar com 27 pontos e não 28. Nessa mesma lista de decifradores, o ponto e virgula, que está após Thalia, deve passar para depois de — 14. — *Descripções do nº 1409*: em vez de — Remorso (35) e aternado (57) — leia-se — Ramoso e Atermado. *Taça "Maria-Flôr"* (na mesma pagina): 1ª e não 11ª — (2ª linha): começamos e não covegamos (penultima linha desse titulo); ou outros erros de pontuação e de ortographia, existentes nesse titulo ficam ao criterio do leitor. Charada Antiga 40, de Altivo Trindade: as palavras — cahe, causa e descida de uma lomba — não devem ser gryphadas. Acima de — TORNEIO SEM GRYPHO — escreva-se — 6º TORNEIO DE 1929 — pag. 53, columna 3ª). *Charadas novissimas* 17 e 19 (*Torneio Animação*) as palavras — ficará e povoação — devem soffrer signalização differente, isto é, a primeira não leva grypho, mas a segunda, sim. *Enigmas charadistico* 24: entre "fui e paspalhão" deve existir a palavra "tão" (linhas 12); é — aleijão — e não — aleijado — o que está em linoas 16 *Charada antiga* 25, de Violeta: faltou o algarismo 1 no fim do terceiro verso. *Charada antiga*, 28, de Altivo Trindade: a *planta* do segundo verso deve ser gryphada. *Prazos* (1ª columna da pagina 55: estes prazos referem-se ás charadas publicadas no numero passado. Os do presente numero estão publicados á mesma pagina, porém no fim da segunda columna. *Charada novissima* 31, Barbazul: a palavra *mulher* deve ser gryphada. *Charada novissima* 35 e 37, de***: o — se — do para-se — (na primeira) e o — com — (na segunda) não devem ser griphados. *Enigma charadistico*, 40, de * * *: depois de — devo — (4º verso) leia-se — eu — e a — fala do oitavo verso deve ser — tala. *Errata do nº 1417*: — 46 — e não 51 — (1ª linha), Lustoso e não Lustroso (linhas 4). absoletas e não obsoletos (linhas 8). Deve haver virgula entre — bem seido — da linhas 8 e entre — vem sendo, de linhas 9. Os outros existentes o leitor com facilidade corrigirá.

MARECHAL

Castellões Ovaes
Fumo Esterilisado
Castellões Ovaes
TYPO ESPECIAL
COM FUMO
ESTERILISADO
Cia. CASTELLÕES

Zig Zag
FUMADORES!
exijam em todas
as lojas de tabaco
"o Zig-Zag"
a primeira Marca do Mundo
O MELHOR PAPEL FRANCEZ para CIGARROS
BRAUNSTEIN Frères
Fabricantes
PARIS
Fornecedores
do
Estado Francez
e das
principaes
Fabricas de Cigarros
brasileiras de Papel
para Cigarros
em
resmas e bobinas.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...
RUA DA CARIOCA, 45 — 2° ANDAR.

CIUMES

(CONTO ITALIANO)

POR: CARLOTA PROSPERI — TRADUCÇÃO DE AMELEK

Tinham sido companheiros de infancia e de estudo e eram ainda amigos intimos, o que occasionava, naturalmente, uma violenta e reciproca antipathia entre André e a mulher de Cezar.

— Reciprocidade injusta — dizia André — porque eu, como amigo, sou excellente, emquanto ella, como esposa, é detestavel.

Cezar que, em questões de sentimento, era fraco e um pouco covarde, por preguiça e amôr á tranquillidade, deixava-os dizer o que quizessem, sem se preoccupar muito com isso.

Beijava Marietta, todas as vezes que esta se queixava por vêl-o sair com André e quando o amigo lhe censurava a sua inconcebivel fraqueza, dizia-lhe:

— Tens razão... Mas, que queres que eu faça? Ella me ama, adora-me, tem ciumes chora, soffre... Sabes o que é uma mulher apaixonada e ciumenta.

— Imagino-o uma maldição de Deus. Porém a tua mulher não é nem sequér uma mulher normalmente ciumenta; é uma especialista em ciume. Ciumenta do passado, do presente e do futuro! Deve ser muito divertido consolar mulher que se desespera porque tiveste uma amante, de cujo nome já nem te lembras mais. E o peor é que não se póde encontrar commigo, sem fazer uma quantidade de perguntas, que são outras tantas impetinencias... Acabará por nos separar...

— Não exageres!

— Mas que deseja ella? Que estejas pegado á sua saia o dia inteiro? De que tem medo? Que as mulheres te roubem, quando saes á rua? Nem sequer és bonito!

— Mas sou bastante sympathico...

— Tambem não és moço... Temos a mesma idade: 42 annos.

— E' inutil: para minha mulher, estarei sempre na flôr da mocidade...

— Bella flôr! Mas, dize-me que aconteceria se, em lugar de nada fazeres, fosses esculptor como eu e tivesses que te entender com os modelos?

— Misericordia! Nem quero pensal-o!

— Ou si fosses medico e recebesses formosas clientes em teu consultorio? Seria capaz de querer que as matasses, uma a uma.

— Certamente, e sem o menor remorso...

Algumas vezes Nella assistia a essas discussões e deitava a rir, dizendo a André: — Não o atormente mais... Porque te incommodas tanto, si tens a teu lado uma mulher que é ciumenta.

— Ah! Tu não sabes que virtude preciosa é essa, minha Nella!

— Sim, sim; mas não se póde fazer comparações — dizia Nella, sensatamente.

E, na verdade, era impossivel fazel-o; a mulher de Cezar era timida, ingenua, mais distincta do que bonita, de requintada educação e sem experiencia alguma. Nella, no emtanto, conhecia a vida e os homens desde ha muito tempo e, egoista e equilibrada como era, aprendêra a collocar sobre todas as inquietudes e paixões, o seu bemestar. Com esse systema, chegára aos trinta annos sem uma ruga, e com uma belleza tão fresca, que apparentava ter vinte annos.

Entrava poucas vezes no gabinete de André e preferia estar só na saleta que dava para o jardin, lendo ou comendo bombons ou discutindo com o cozinheiro alguma complicada receita gastronomica. Tranquilla, sem curiosidade, sem ciumes, olhava com benevolencia indifferença para os modelos de André. Este não se cansava de elogiar as qualidades de Nella: aquelle sereno equilibrio que a tornava tão differente das outras mulheres, aquella confiança nelle, que lhe permitta sair e voltar, a qualquer hora, com inteira liberdade e até ter outras aventuras se o desejasse. Em realidade, esse bom André, que se jactava da sua liberdade e incitava a amigo á rebellião, só se achava bem em casa, junto daquella formosa e pacifica mulher, para quem não tinha segrêdos.

E desabafava com ella, depois de suas visitas á casa de Cezar.

— Ah, Nella! Não imaginas a tyrannia que exerce essa mulher sobre aquelle estupido... Sempre com os olhos fitos nelle, sempre com o lenço na mão, prompto para enxugar as lagrimas. E sempre a mesma ladainha: "Se tu sáes e me deixas só é porque não me amas. Porque não me falas? Quem sabe se estás pensando noutra mulher? Se me atraiçoares, eu me matarei. Gostas de mim? Muito? Tu me amas tanto, como eu te amo?, — E' insurportavel.

Nella ria-se.

— E que faz elle?

— Elle? está feito um idiota suspira, cala-se, trata de acalmal-a, põe o chapéo para sair, tira-o de novo e acaba ficando em casa. Elle! o "don Juan" alegre, despreoccupado, aventureiro, dominado por uma estupida, a ponto de não se mexer de casa e de ter que inventar não sei quantas historias para poder sair commigo! E. de vez em quando, eu protesto e digo: — E' uma vergonha! E, ella que, emquanto eu estou calado, nem se preoccupa commigo, levanta-se como uma vibora:

— O senhor é o meu peor inimigo! Se conseguisse tirar Cezar de casa, ficaria contente, não negue! — E não nego, não. Juro-te Nella, que se fôr possivel, arranjarei uma aventura para Cezar.

— Vamos André!

— Juro-te! Daria qualquer cousa, para fazer essa imbecil passar um máo boccado. Na primeira occasião!...

Esta se apresentou, por uma casualidade, na fórma de uma cantora de operêta, que fôra antigamente, um dos grandes enthusiasmos de Cezar, e que era tambem amiga de Nella.

Estava de passagem na cidade, e André poude verificar, satisfeito, que, occasião mais seductora do que essa difficilmente se apresentaria.

— Convidas Nóra para tomar chá e eu falo pelo telephone a Cezar para que venha. Inventarei qualquer historia. Já verás que alegria terão, quando tornarem á se encontrar. E tu tratarás de os deixar sós alguns momentos para que falem á vontade.

Nella fez tudo o que seu marido desejava.

Este saiu para percorrêr os escriptorios de varios amigos, e por vezes, em meio de uma animada conversa esfregava as mãos e pensava, com satisfacção brutal:

— Arranja-te, idiota! Assim aprenderás, a não te metter commigo!

Quando voltou para casa, encontrou Nella extendida num "divan", e com os olhos semi-cerrados, como si sonhasse accordada.

— E então? — perguntou.

— Nóra telephonou á ultima hora que não podia vêr. Parte amanhão.

— Que pena! — disse André, desconcertado. — E Cezar?

— Foi-se embora.

— Achou ruim a brincadeira.

— Não, não...

— Ficou zangado?

— Si eu digo que não!

E Nella nada mais accrescentou. André, sem saber porque, poz-se de repente, de muito máo humor.

— Que cheiro de ciarro tem aqui! — disse. — Bem podias ter aberto a janella; sabes que detesto o fumo. E além disso essas flôres... A gente, aqui fica soffocado!

Tirou as flôres do vaso, e arremessou-as pela janella afóra com raiva.

— Não se come hoje? — pergentou.

Comeu de má vontade, achando tudo mal feito, e depois vestiu-se para sair.

— Não vens commigo?

— Já sabes que nunca saio á noite...

— Não te interessa saber onde vou?

— Ora, que lembrança!

— Já sei que não te importa!

Porquê emfim, aquella falta absoluta de curosiosidade e de ciumes, era signal de equilibrio e de bom senso, sim; mas tambem podia ser indicio de completa indifferença. Mesmo que elle partisse para o Japão, Nella sentiria a mesma tranquilidade e, diria: "Bôa viagem! Cuida-te bem! Até a volta! "Nem seque lhe pediria para escrevêr, porque, segundo ella, as cartas eram a cousa mais aborrecida do mundo.

O que faria Nella, quando elle não estava em casa? Antes, nunca se preoccupára com isto; mas agora desejaria sabêl-o, a todo o custo.

No dia seguinte, saiu para assistir á inauguração de um monumento, mas voltou logo depois, tomado da maior inquietação. Em casa só encontrou a creada.

A patrôa não está — disse-lhe esta; — foi a casa de uma amiga, e só voltará á hora de jantar.

— Ah! Está, bem

Tinha vindo alli convicto de que não a encontraria, como foi á casa de Cezar, certo de não achal-o.

— A patrôa está só — disse-lhe o creado. — O Sr. quer entrar?

— Não não...

Marietta accudira logo, pensando ouvir a voz do marido.

—Ah! E' o Sr. André?

— Sim. Disséram-me que Cezar não estava.

— E' exacto. A tia mandou chamal-o, e elle não poude faltar. Mas entre; vou lhe dar uma chicara de café.

Na salinha emquanto Marietta preparava o café, André olhava fixamente para um canto sem vêr nada. Que allivio seria para elle, encontrar Nella em casa, como de costume, ou então Cezar, ao lado de sua mulher, com ar de victima resignada.

Tratava-se de uma casualidade, de uma maligna combinação, Nella era muito bôa, e Cezar, o seu melhor amigo.

Porventura Nella não tinha o direito de visitar uma amiga, e Cezar não era senhor de ir vêr sua tia, quando lhe désse vontade? Sim; mas uma ferida não se cura com raciocinios, e é muito difficil arrancar a duvida da alma...

Alguma cousa fria e viscosa como uma serpente rodeava-lhe o coração, apertando-o, até lhe fazer mal.

Quando Marietta desatou a chorar, deante das chicaras de café, postas na mesa, André não se surpreendeu.

Sentia não poder chorar tambem elle, pois que as lagrimas teriam suaviazado a sua pena secreta. E, pela primeira vez, fitou Marietta, com olhos indulgentes e cheios de compaixão.

— Pobre Marietta! Quem me déra poder chorar tambem!

Ouvindo essas palavras inesperadas, Marietta recobrou os soluços, e depois disse, procurando se dominar:

— Tenha paciencia. Já sei que sou aborrecida insupportavel; mas soffro muito, muitissimo!

— Comprecndo — replicou André, com uma voz rouca de homem que soffre da mesma maneira e pela mesma causa...

— Tenho medo... Cezar é bom; mas é tão despreoccupado, tão moço!

— Temos a mesma idade Marietta.

— Já sei; mas elle é sempre moço e trata as mulheres de um modo differente.

Corteja todas, faz-se amar, de todas, e mente...

— Oh! Como mente! E' tão inconsciente, que faria a minha desgraça, sem o menor remorso.

— E então, porque gosta tanto delle?

Ella olhou-o, admirada, e respondeu simplesmente:

— Porque o amo.

André baixou a cabeça. Cezar era despreoccupado... sabia conquistar as mulheres... era sempre joven. Marietta tinha razão em vêl-o tal qual era: alto, elegante, com grandes e languidos olhos negros, a voz acariciadora, o sorriso attraente. Elle, em troca, já estava grisalho e tinha o aspecto de um bom burgêz, sem outra aventura e outro amor na vida do que o da formosa Nella.

Apertou os punhos, e pensou: — "Tu mesmo o quizestes, miseravel!"

Levantou-se para sahir desejoso de movimento, e de esquecêr o seu soffimento por meio do cansaço.

— Perdôe-me, Marietta? — perguntou.

— Por que?

— Por não a ter comprehendido até hoje.

— Ah! Tambem está com ciumes — esclamou Marietta, pegando-lhe da mão.

— Sim; tambem eu.

A joven ficou silencioasa alguns instantes, e depois disse, com voz trémula:

— Que Deus o ampare! E' um mal muito grave.

— Horrivel! — respondeu André.

E saiu, caminhando lentamente, com a cabeça baixa, com o frio desespero de um homem a quem os medicos dissessem que nenhuma operação poderia cural-o da sua terrivel doença.

Marietta ficou junto á porta do vestibulo, ouvindo os passos do que se afastava e esperando pelo marido.

O seu rosto, muito pallido, era uma mancha branca entre as sombras.

CINEARTE-ALBUM
1930
A MAIS LUXUOSA PUBLICAÇÃO ANNUAL CINEMATOGRAPHICA BRASILEIRA.
EDIÇÕES ESGOTADAS EM 6 ANNOS SEGUIDOS
A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos.
A VENDA EM TODO O BRASIL
A unica publicação nacional do seu genero e com as mais deslumbrantes trichromias.
ORIGINALIDADE - ARTE - BOM GOSTO
Faça desde já o pedido do seu exemplar, enviando-nos 9$000 em dinheiro em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"
TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

KOLA SOEL

Preparada por SARMENTO BARATA, Professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

E' UTIL NA
NEURASTHENIA
ANEMIA
DEBILIDADE GERAL
ESCROFULAS
TUBERCULOSES
PHOSPHATURIAS
EM TODAS
CONVALESCENÇAS
E AS CREANÇAS

E' REGENERADOR DA CELLULA NERVOSA

A' venda: Araujo Freitas & C., Rua dos Ourives, 88, e Rodolpho Hess & C., Rua 7 de Setembro, 61

UM CLINICO DE BUDAPEST!

Dr. K. V. Briglevics

Attesto que o "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira é um remedio muito bom para os casos syphiliticos de terceiro grão.

Dr. K. V. Briglevics (Firma reconhecida) — Diplomado pela Universidade de Budapest. — 23 de Dezembro de 1927.

CASA SPANDER

ARTIGOS PARA TODOS OS SPORTS

Bolas de football completas

Halex	n°.	1	10$000
"	"	2	12$000
"	"	3	15$000
"	"	4	22$000
"	"	5	25$000
Training	"	5	28$000
Spandio	"	5	30$000
Spaldio	"	5	30$000
Spander	"	5	35$000

Camaras de ar

n°. 1, 3$5; n°. 2,	4$000
n°. 3, 5$; n°. 4,	6$000
n°. 5..........	7$000
Meias de algodão: 3$, 5$ e	8$000
Meias de pura lã	15$000
Camisas de 7$, 12$ e.......	14$000
Calções de 8$, 12$ e.......	15$000
Shooteiras de 22$ a.......	35$000

Bombas — Apitos — Joelheiras, etc., etc.

As bolas pelo correio pagam mais 1$500 — PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS — A. M. BASTOS & Cia. RUA DOS OURIVES, 29 — RIO DE JANEIRO

Um bom tonico sempre auxilia a convalescença após uma doença. Por mais de 60 annos as summidades medicas do mundo inteiro, recommendam e receitam o

XAROPE DE FELLOWS

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA — Orgão da alta cultura literaria do paiz, publicando em cada edição quatro reproducções de pinturas de autores nacionaes.

CAIXA DO "O MALHO"

N. C. (Bahia) — Sciente do que pede. Será attendido. Nada tem que agradecer. Dos trabalhos enviados agora foi aproveitado o que se intitula: "Teus olhos". Os outros estão fraquinhos... fraquinhos...

APOLLO (Bello Horizonte) — Satisfazendo seu pedido lhe digo francamente: os trabalhos intitulados: "A' morte" e "Eu" serão publicados. O outro não. Está satisfeito? Continue.

LEONCIO RAMOS (S. Paulo) — "Lolita" foi bem recebida e verá em breve a luz da publicidade.

OSWALDO GUILHERME (Cataguazes) — Recebida a photographia e os dois trabalhos dos quaes será publicado um, intitulado "Recordação".

J. OLIVEIRA (Petropolis) — Gratos pela sua gentileza. Já foi accusado o recebimento da photographia e do soneto a que se refere.

MAGDA ROCHA (Rio) — O "Ensinamento" será publicado. Continue a nos mandar, como outr'ora, sua collaboração.

HILAZ RODRIGUEZ (?) — Seu soneto "Terra cançada" tem um terceto final em que se vê que o poeta já estava cançado, como a terra, de produzir os onze versos anteriores e escreveu isto:

"Basta, pois, coração tão mal fadado!
Descrê desse ideal que já inverna.
Vê que o que creste tudo foi illusorio".

Como cacophonia e mão gosto não é preciso melhor, principalmente a "chave" do soneto que entra rangindo da fechadura com aquelle "que o que crêste" que é mesmo de ca-ca-ra-cá.

Não se zangue com isto e mande cousa melhor, pois o principio do soneto não é mão. O fim é que é detestavel. O poeta Hilaz cançou, não ha duvida, na recta da chegada... (comparando mal).

J. Amazonas (Herval) — Recebidos os trabalhos. "Eterna ansia" será publicado. O outro... depende ainda. Pode ser... talvez... quem sabe ...

LUIZ N. G. FILHO (Rio) — seja bem "reaparecido". O trabalho enviado foi acceito, como era de esperar. Mande mais.

JOSE' DE ASSIS (S. Paulo) — Engraçados os seus versos intitulados: "Crystal partido", em que confessa que os mesmos "foi" "lamento desse vento", etc.

Como cousa prosaica e sem graça bateram o "record", tanto assim que, para desopilar o figado de algum leitor hepatico e hypocondriaco, aqui mesmo os estampo sem lhes alterar uma virgula nem tirar nem uma reticencia...

"Não olvides, não; jamais
O que te digo:
O meu amor, como um crystal partido
E' um perigo...
Quebrando-se tão sentido
Não se cólla nunca mais!

.. ..

Estes versos... crêr quem ha de!!!
Foi lamento
Desse vento
Preludio da tempestade
Que rugiu
Dentro do peito.
Depois... desfeito...
Acabou... apagou... sumiu...".

Que S. Francisco de Assis me dê paciencia para aturar os poetas tambem de Assis, porém tão desassizados... Compre "collatudo" e quando seu amor se partir grude os pedacinhos um no outro com todo o cuidado e depois... atire tudo ao lixo. E' sempre melhor do que fazer versos que "*foi* lamento não sei de que vento... de tempestade que rugiu e depois summiu", sem deixar, naturalmente, vestigio, isto é: nem cheiro nem sabor...

LICINIO LARANJEIRA (Maceió) — Nada tem que agradecer. Quanto á poesia: "Um bluff" foi, mesmo, um bluff que o poeta nos quiz passar. "Bem te conheço, páo de laranjeira!" O amigo Licinio é capaz de fazer cousa melhor, aquella historia de "cystal humedecido e frio" nos deixou gelados, creia.

DEMETRIO C. LEÃO (S. Paulo) — Dos novos trabalhos agora enviados foram bem acceitos os seguintes: "O sol da liberdade", "Soneto" e "Minha dor". Continue.

DAVID AGUILAR — (*Diamantina*) — O seu "O Caso da successão" está um tanto longo. Entretanto ficou aguardando mais acurado exame.

C. ROCHA — (*S. Lourenço*) — Você assim mesmo pede pouco, pelo que se vê do principio do seu soneto:
"Oh! se eu me vira no teu virgem leito,
Ver-te, nos braços meus, adormecida...
E sentir, contra o meu, bater teu peito,
E num deliquio ir á outra vida ..."

E vae por ahi abaixo até o final que é impagavel e eu peço licença para não transcrever. Queria eu ser o pae ou um irmão da pequena para desancar com uma boa bengala o C. Focha de uma figa, por mais dura de roer que fosse a rocha.

GUARATIM — Seu trabalho será publicado.

AVIO BRASIL — Receba meus sentimentos pela perda que soffreu; quanto ao trabalho enviado, fico-lhe muito agradecido. Não será, entretanto, publicado com a dedicatoria. Serve? Responda.

J. SIQUEIRA CAMPOS — (*Recife*) — Seu soneto: "Meu canto" está fraco, assim como o outro, ambos com o triste recurso repetido de "mui" em vez de muito, além de alguns versos "maiores" como este:
"Não ha quem *alure aos* olhos teus, querida"—11

E alguns "menores" como este:
"Tudo, afinal, me fascina e encanta."—9

Creio que o amigo Siqueira Campos tem feito cousas muito melhores.

OPHIS — (*Pirassinunga*) — Seu soneto "O mar" está cheio de adjectivo lindo, (4 vezes!) como si não houvesse outro para exprimir sua idea de belleza. Concerte isto e volte, querendo.

J. A. FIGUEIRA — (*Rio*) — Diz o *poeta* na sua carta que resolveu escrever um "pequeno soneto" que nos enviou. Fomos contar os versos e encontramos 14, o mesmo numero que têm os "grandes sonetos")

Quando o lemos é que então nos cahiu a alma aos pés, pois vimos não ter havido modestia da sua parte, quando confessa que o "pequeno soneto" está "cheio de asneiras". — E das grandes, accrescentamos nós. Ora veja o leitor si o poeta não tem razão em ser o primeiro a criticar sua "obra" que elle intitulou "Queixumes":

"Dizes que sou sómente o unico culpado
e tudo quanto entre nós succede
E, no entanto, de tudo isto que acontece
Ao teu mentir devo o viver amalgurado.
Sabes, por acaso, o mal que assim praticas,
Fingindo sempre um amor que não existe,
Visto que o meu amor a nada mais resiste,
Nem mesmo sabendo que só me debicas?

Pois, dias virá que ao teu arrepender
Jamais motivos terás para assim proceder
Quando não seja do mal que a ti causar.

Despresando um ente que te dedica a vida,
Soffrendo horrores sem que jamais maldida
O saber que nunca me poderás amar."

Não publicamos a dedicatoria para que a senhorita J. V. S. não o fique odiando por toda a vida e mais alguns annos ainda por cima.

Aconselho-o a que compre uma corda e se enforque, *seu* Figueira, na primeira figueira que encontrar mais ao pé da mão.

UBIRAJARA — (*S. Paulo*) — Diz o *poeta* que aproveitou "uma semana de pouco trabalho para escrever os sonetos que enviou e que, pela sua falta de pratica, são verdadeiramente xaropadas ..." Quanta modestia!... Aquillo não é mais xaropada: é purgante e dos de oleo de ricino grosso...

Por que o Ubirajara não aproveitou o tempo que lhe sobrou, fazendo palitos perfumados, cabos de guarda-chuva ou colheres de páo? Era de mais proveito para as letras do que seus versos.

Para não se pensar que ha exagero, transcrevo aqui um dos taes, a esmo para o leitor ajuizar do estro estro...piado do "selvagem" Ubirajara.

"Desce a noite, com seu negro manto,
O vento enraivecido avança com furor
A argentea lua, já não presta seu encanto
Atraz das negras nuvens, occultou-se com pavor.

O ribombar do trovão, ensurdecedor, horrisono,
Noso espirito allucina A humanidade aterra!
Qual mil canhões em estampido unisono
Fizessem trepidar, o lago, o valle, a serra!

Faiscas scintillantes, com seu fulgor extranho,
Nos dão um quadro tetrico! Os elementos a luctar,
Como se o genio do mal, com seu poder tamanho,

Quizesse enfurecido, o mundo exterminar!
Qual espiritos perversos, ou demonios em rebanho,
Tentassem confundir, a terra, o céo, e o mar!

E' pena que durante uma tempestade tão grande não tivesse cahido na cabeça do *poeta* um raio que o partisse em mil pedaços! Que allivio para todos nós!...

JOSE' LAURO RAMALHO — (*Lorena*) — Os sonetos que mandou estão fracos, sem metrica em alguns versos, como por exemplo:

"A luz vae as trevas dissipando"—9
"Illumina suas bellas faces moiras"—11

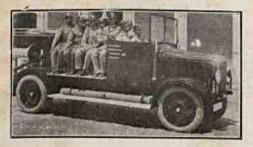
Assim como estes, alguns outros duros, forçados..

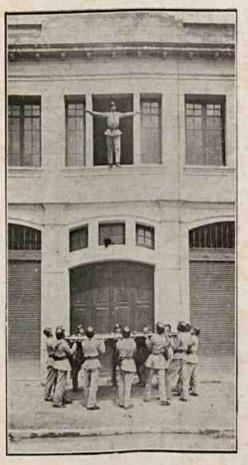
Quer um conselho? Abandone os sonetos e faça quadras simples, de sete syllabas, assim:

"Passei a noite acordado,
Porém sonhando comtigo.
Pois si dormindo não sonho
E' o meu mais duro castigo."

CABUHY PITANGA JUNIOR

Bello Horizonte, Minas — A grande "garage" do Corpo de Bombeiros

Bello Horizonte, Minas — Os bombeiros tripulando um dos carros de soccorro.

Bello Horizonte, Minas — Uma guarnição de soccorro dos bombeiros da capital mineira.

Bello Horizonte, Minas — Guarnição aos Sapadores e Bombeiros da capital mineira.

Bello Horizonte, Minas — Um bello pulo no exercicio do Corpo de Bombeiros.

Bello Horizonte, Minas — Exercicio com a manga de extincção de incendio dos denodados bombeiros.

Bello Horizonte, Minas — Uma guarnição dos bombeiros locaes.

Bello Horizonte, Minas — Bombeiros locaes em exercicio de extincção de fogo.

Bello Horizonte, Minas — Bombeiros tripulando um dos carros-escada "Saurer", da corporação.

Officinas Graphicas d'O MALHO